

Organizador

THIAGO SEBASTIÃO REIS CONTARATO

TEMAS DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I

A FILOSOFIA ATRAVÉS DA
contação de histórias



TEMAS DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I:
A FILOSOFIA ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



THIAGO SEBASTIÃO REIS CONTARATO
(ORGANIZADOR)

**TEMAS DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I:
A FILOSOFIA ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

1ª Edição

Quipá Editora
2024

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T278 Temas de filosofia da educação I : a filosofia através da contação de histórias /
Organizado por Thiago Sebastião Reis Contarato. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.

87 p. : il.

ISBN 978-65-5376-323-4

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-323-4

1. Filosofia. 2. Contação de histórias. 3. Educação. I. Contarato, Thiago Sebastião Reis.
II. Título.

CDD 100

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em abril de 2024

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

APRESENTAÇÃO

Venho primeiramente te dar as boas-vindas a esse universo da contação de histórias. Este trabalho é resultado de um projeto acordado com os estudantes de licenciatura da Universidade Estadual do Rio Janeiro (UERJ). O professor Thiago Sebastião Reis Contarato fez um projeto com os estudantes da disciplina de Filosofia da Educação para estimulá-los a fazerem as suas próprias pesquisas de acordo com as temáticas das aulas. A proposta envolvia **introduzi-los como autores e autoras** no mundo das publicações acadêmicas, de modo que o trabalho deles se tornariam capítulos de um livro da turma. Assim, apesar de apresentar noções introdutórias, cada capítulo coloca reflexões com temas muito profundos sobre a contribuição da área de Filosofia para a educação, que podem ser aprimorados posteriormente.

Todos nós somos feitos de histórias, algumas tristes e outras felizes. Podemos não perceber, mas as histórias que vivenciamos e as histórias que nos contaram **construíram o nosso caráter** e constituem as **diretrizes de cada decisão** que tomamos. Precisamos de **inspiração** para termos mais força diante das dificuldades da vida cotidiana. Queremos **imitar os nossos heróis**, sejam eles reais ou fictícios. Até mesmo as estórias, que sabemos serem irreais, criam **modelos de virtudes** que podem ser seguidos na vida real, bem como de vícios a serem evitados. Para isso, precisamos ser protagonistas de cada uma de nossas atitudes. Figurantes não são heróis. Coadjuvantes acontecem de contribuir um pouco no heroísmo. Protagonistas são aqueles que fazem a diferença. Você se sente como um protagonista de sua própria história?

Costumamos pensar que somos os heróis da nossa própria história de vida, mas quem nunca acabou sendo um vilão na história de vida de alguém, mesmo quando só queria ajudar. Lutamos para nos encaixar nas histórias dos outros e até para juntar nossas histórias com os outros, mas nem sempre isso é possível. No final, a maturidade nos mostra que cada um possui a sua perspectiva e seu modo de ver a vida. Por isso, ao longo desse livro, em cada capítulo, teremos perspectivas diferentes, cabendo ao organizador ao menos colocar alguma sequência lógica dos temas propostos. Não existe nenhum posicionamento mais importante que o outro nesse livro. Todos os capítulos representam o esforço de cada autor ou autora de contribuir para a Filosofia da Educação e foram organizados de modo que facilite o entendimento das questões envolvidas. Dentro do que foi possível organizar, decidimos colocar a temática interdisciplinar da **contação de histórias**.

Nos três primeiros capítulos (1, 2 e 3) será destacada a importância da contação de histórias como a **método de ensinar** mais antigo e eficiente que temos. Através de uma história, um professor prende a atenção dos alunos (uma vez que histórias possuem início, meio e fim), além de contextualizamos os conteúdos de uma aula (dando sentido e significado para assuntos abstratos).

Neste ponto, vale dizer que precisaremos ter um olhar crítico sobre o *conteúdo* das histórias para transmitirmos apenas os valores corretos. Por isso, refletiremos sobre esses aspectos. Já nos capítulos 4, 5 e 6, veremos como a oposição entre Mito e Filosofia costuma ser tratada tradicionalmente dentro dos estudos de da área de Filosofia.

Já nos capítulos 7, 8, 9, 10 e 11, veremos a oposição que havia na Grécia entre os filósofos (com destaque para Sócrates) e os seus rivais, conhecidos como “sofistas”. Já que não chegou nenhum livro de Sócrates e dos sofistas até nós atualmente, a nossa única fonte de informação sobre os diálogos entre filósofo e sofista advém das **narrativas descritivas** de fontes posteriores, tal como Platão, Xenofonte e Aristóteles. Nesse contexto, alguns teóricos levantam a possibilidade de ter havido um exagero histórico nessas narrativas para honrar a imagem de Sócrates ou para diminuir os sofistas. Mesmo assim, ainda encontramos hoje padrões na sociedade que nos permitem aplicar na prática as reflexões, técnicas e métodos socráticos tais como descritos nessas narrativas.

Nos capítulos 12 e 13, será apresentada a **narrativa** mais conhecida da Filosofia, a saber, o mito da caverna (ou a alegoria da caverna). Nesse ponto, percebemos que a contação de histórias continuou a ser usada pelos filósofos como um **recurso para facilitar o ensino** de suas filosofias. De fato, nos capítulos 14, 15 e 16, até mesmo os autores nos mostram na prática como é possível ensinar Filosofia usando até mesmo das narrativas das **ficções** atuais dos **filmes, séries e animes**. Pessoalmente, eu convido o leitor a ler esses capítulos pensando justamente no potencial de ensino que existe por trás das analogias e das comparações que podem ser feitas entre as **cenas desses recursos audiovisuais** com conceitos filosóficos e com a prática cotidiana.

Nos capítulos seguintes (17, 18, 19), serão apresentadas temáticas da **história da filosofia** que são relevantes para a área da educação, de modo os autores nos apresentam as bases da história da educação. Depois da *Academia* de Platão e do *Liceu* de Aristóteles, os filósofos do helenismo (apresentados no capítulo 17) deram continuidade no processo de **institucionalização da educação**, isto é, criando escolas com organização bem específica para formar intelectuais. A educação medieval (descrita no capítulo 18) destaca a contribuição da Igreja Católica no processo de institucionalização, assim como as críticas da Reforma Protestante da idade (do capítulo 19) moderna levaram a aprofundamentos significativos. Nesse contexto religioso, vale destacar o método de Jesus de ensinar usando parábolas, que é a contação de histórias.

Na modernidade, nós passamos ainda por contribuições burguesas do iluminismo, bem como as críticas marxistas, antes de chegar ao que conhecemos como “existencialismo” na contemporaneidade (tratado nos capítulos 20, 21 e 22). O existencialismo possui uma mentalidade voltada para a liberdade e responsabilidade das práticas. Sendo assim, encerramos o livro com a reflexão de que precisamos repensar as nossas práticas para que, assim, possamos viver o presente, contribuindo significativamente para a educação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1 - A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS NO ENSINO	09
---	----

Raquel Barbosa da Fonseca Luiz

CAPÍTULO 2 - O USO DE MITOS E NARRATIVAS COMO TÉCNICA DIDÁTICA: COMPARAÇÕES ENTRE A ANTIGUIDADE CLÁSSICA GREGA E A IDADE CONTEMPORÂNEA	13
--	----

Julia Figueiredo Vanoli

CAPÍTULO 3 - AEDOS E GRIOTS: DESAFIANDO ESTEREÓTIPOS NA HERANÇA MITOLÓGICA	16
--	----

Brenda dos Santos Laz

CAPÍTULO 4 - MITOLOGIA GREGA NA EDUCAÇÃO E NO UNIVERSO CINEMATOGRAFICO	21
--	----

Gabriel Ferreira da Silva

CAPÍTULO 5 - MITOLOGIA GREGA	25
------------------------------	----

Julia Macena da Rocha Silva

CAPÍTULO 6 - MITOLOGIA VERSUS FILOSOFIA	28
---	----

Livian Coelho Fernandes

CAPÍTULO 7 - O SOFISMA E SUA ATUAL MANIFESTAÇÃO ATRAVÉS DAS MÍDIAS SOCIAIS	30
--	----

Andresa Ferreira Oliveira

CAPÍTULO 8 - SÓCRATES E OS SOFISTAS: FILOSOFIAS CONTEMPORÂNEAS DE CUNHO POLÍTICO E SOCIAL	33
---	----

Lilian Avila da Silva

CAPÍTULO 9 - MAIÊUTICA E IRONIA SOCRÁTICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO	36
--	----

Simone Julieta Dick de Aquino

CAPÍTULO 10 - FILOSOFIA SOCRÁTICA	39
José Lucas Carvalho da Silva	
CAPÍTULO 11 - A MAIÊUTICA E A IRONIA DE SÓCRATES	43
Ana Maria Santos da Costa	
CAPÍTULO 12 - O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO	47
Bruna Muniz de Camargo	
CAPÍTULO 13 - DE PLATÃO A HIDETAKA MIYAZAKI: A ALEGORIA DA CAVERNA E SUA CONEXÃO COM DARK SOULS	50
Marcus Paulo Pacheco Silva	
CAPÍTULO 14 - SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES: AS TRÊS VOZES FILOSÓFICAS NA EDUCAÇÃO ANTIGA ECOANDO NAS HISTÓRIAS ATUAIS	53
Wendel Pereira de Andrade	
CAPÍTULO 15 - AS QUATRO CAUSAS DE ARISTÓTELES E FULLMETAL ALCHEMIST	57
Daniel Barcellos Neto Silva	
CAPÍTULO 16 - COMO DEBATES FILOSÓFICOS SE PERPETUAM NAS NARRATIVAS	60
Vinicius Sedano das Neves Ferreira	
CAPÍTULO 17 - HELENISMO: COMPLETA MUDANÇA CULTURAL, SOCIAL E POLÍTICA NA GRÉCIA	63
Tábata Noveli da Costa	
CAPÍTULO 18 - A EDUCAÇÃO MEDIEVAL	67
Augusto Felix Macho Athaydes	
CAPÍTULO 19 - O PROTESTANTISMO E A EDUCAÇÃO POR PARÁBOLAS	70
Ana Leticia Martins Custodio da Silva	

CAPÍTULO 20 - EXISTENCIALISMO NO SÉCULO XX	76
Valter Jesus dos Santos	
CAPÍTULO 21 - EXISTENCIALISMO E SUA INFLUÊNCIA EM WESTWORLD E BLADE RUNNER	79
Ana Carolina de Oliveira Macedo	
CAPÍTULO 22 - A RAZÃO PARA VIVER O PRESENTE SEGUNDO NIETZSCHE	81
Gustavo Perete Francisco	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
LINKS ÚTEIS DA INTERNET INDICADOS PELOS AUTORES PRINCIPALMENTE SOBRE SÓCRATES E MITOLOGIA: (TODOS COM ÚLTIMO ACESSO EM FEVEREIRO DE 2024)	86
SOBRE O ORGANIZADOR	87

CAPÍTULO 1 - A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS NO ENSINO

Raquel Barbosa da Fonseca Luiz

Uma das maiores influências para a vida de uma criança que está em desenvolvimento é a imersão no mundo de histórias, o investimento para essa área é constatada significativamente verificando que os livros didáticos de histórias infantis são um dos maiores no mercado literário. A alguns anos atrás, essa ideia foi adotada como estratégia de marketing pois é defendido que crianças possuem maior criatividade e atenção quando são expostas desde novas ao mundo das histórias e mitos, ideia que foi bem exemplificada pelo programa de leitura *Leia Para Uma Criança*, o que gerou grande comoção e atenção para tal discurso. Fato dado e mostrado que, no ensino brasileiro desde a pré-escola até o ensino médio, o incentivo de leitura é predominante, mas também é viável expor que esse apelo para leitura ou a necessidade de ter contos para passar ao aluno é muito explorado quando as crianças ainda estão em sua fase de creche, ou no fundamental.

Esse fato pode ser fielmente reconhecido fazendo uma breve pesquisa em qualquer instituição de ensino que cerca essa idade, de 2 aos 12 anos do aluno, onde serão achados os maiores incentivos às leituras com livretos, histórias em quadrinhos, filmes ou até mesmo as histórias que são contadas como o boca a boca. A maioria dessas histórias são inventadas, mas servem, justamente, para ilustrar uma situação fazer o ouvinte pensar e se questionar sobre determinados problemas e conflitos, para que seus cérebros, que estão cheios de desenvolvimentos para serem explorados, usem de estímulo tal criatividade e assim possam se sentir avivados, com bastante foco pronto para imaginação, atenção para aprender e concentração.

O que essa pequena introdução quer ilustrar é que o ensino com história é validado como grande avanço para o ensino aprendizagem e que esse fato é realmente comprovado através das experiências que podem ser contempladas nos sistemas de ensino tanto atualmente quanto nos estilos de aprendizagem que eram utilizados outrora no mundo, como os Gregos faziam passando mitos de geração em geração fazendo deles lições para aquelas crianças que se tornariam adultos e cidadão gregos, tais mitos envolviam política, educação, patriotismo, tudo o que deveriam formar um bom cidadão. Não muito longe, mas no Brasil, longe da catequização que estava por vir pelos portugueses, os indígenas e primeiros habitantes do país usavam também dos contos de sua cultura para passar suas identidades, suas heranças religiosas, cultos, medicina e valores de sua civilização.

Para um melhor entendimento, imagine o seguinte cenário, onde nada é possível de se imaginar pois não há uma iniciação para isso, não teria estímulo para um desenvolvimento real de ideias e nem desenvolvimento para seres humanos reais. Nas escolas as histórias são levadas tão a sério como a alfabetização pois é comprovado por professores que as histórias são os melhores caminhos para cativar a atenção de um aluno. O valor de uma história vai muito além do que a proposta dela representa, a curiosidade permite deixar o ouvinte preso nela ansiando por uma conclusão, ansioso para o porquê dos acontecimentos e das consequências dos fatos que estão sendo expostos por aquele momento, mas além disso, a história é imediatista pois se contada uma primeira vez gera sentimentos e reações que não iram voltar se o mesmo conto for dito pela segunda vez, é como o filósofo Heráclito explica que não é possível se banhar no mesmo rio duas vezes, pois a água não é a mesma e nem o próprio sujeito que mergulha será o mesmo que irá imergir nas águas pela segunda vez.

Sendo assim, no ensino aprendizagem, a importância da história se faz mais presente do que é possível imaginar, para não apenas congelar tal importância as salas de aula, veja pelo lado da religião, o cristianismo, por ser uma religião rica em histórias porém muito antiga, resta aos cristão a imaginação ao ler a bíblia, o evento canônico das instituições que propagam tal fé é promover estudos bíblicos com o auxílio de danças e teatro. Contudo, indo além de apenas ler o que diz as escrituras, esse ato é uma demonstração viva da necessidade que o ser humano tem em tornar o imaginário em real, pois mesmo com textos arcaicos sendo usados como base o imaginário desses ouvintes, através da curiosidade e da necessidade de serem imersos no que realmente acreditam fazem com que suas histórias os levem além, gerando uma comoção do ser a se imaginar em tal posição do que está sendo contado a ele, em se deparar na situação e ter seus sentimentos e emoções únicas baseadas naquele contexto.

Através dessa ligeira visão, o que pode ser admitido é que tais atos, sendo os da religião, na arte com peças de teatros, filmes e músicas o cultivo da importância do desenvolvimento imaginário transcende apenas o estímulo a desenvoltura do homem e sua pré-determinação imaginária, mas que sem um real e importante incentivo, diversas experiências que são vistas e vividas hoje não existiriam devido a negligência de algo importante que torna o mundo como vemos e sentimos é hoje. Assim como é passado em gênesis que diz “No início Deus criou os céus e a terra”, nós faz automaticamente imaginar e nos ver imersos a esse ato de criação, nos questionar como foi, como era e a sensação de ver algo inimaginável pela primeira vez já vista em todos os dias de nossa existência no mundo.

Para mim, a relevância desse tema ajuda a abranger a perspectiva da importância que o estímulo das histórias têm, em uma aula de Filosofia da Educação foi debatido esse tema, na aula foi usada a história de Aquiles e também de outras da literatura grega, e durante o tempo que o professor falava sobre, era perceptível ver atenção da turma sobre o tema abordado. Dado essa experiência, eu percebi que para uma melhor aprendizagem é necessário cativar a atenção e o interesse do aluno, para dessa forma a aula fluir tanto para o professor quanto para o aluno, melhorando o aproveitamento dentro da classe e do conteúdo que está sendo abordado. Tendo em vista o tema abordado e os desenvolvimentos ditos, em defesa dessa tese a importância real da leitura e da preservação do imaginário, não só no início da vida mas também durante ela, mas que o foco maior seja voltado para idades a partir dos 2 anos pois tudo o que é desenvolvido e cultivado desde cedo têm probabilidades grandes de se perpetuar durante o tempo de vida do indivíduo.

Considerando o mundo atual, o hábito da leitura por muito é substituída por atividades de tecnologia e negligenciada por elas, o uso do celular logo cedo na vida de uma criança anula outras atividades, o que interfere diretamente na aprendizagem do mesmo. Há não muito tempo atrás a realidade dos jovens, que já são adultos, era diferente, o acesso a tecnologia era muito menos facilitado como é nos dias de hoje, a tecnologia era dividida entre televisão, rádio ou um telefone. Hoje a atenção dos jovens é dividida em diversas formas, além das formas citadas, há os celulares, tablets, computadores, videogames, e dentro dessas portas para a imersão nesse mundo existem outras portas chamadas de plataformas digitais como: diversas redes sociais, redes de jogos, plataformas de vídeos, músicas, filmes, séries, o que chamam mais atenção do que uma literatura que, diferente das propostas apresentadas não são imediatistas e são para fazer em silêncio e com calma.

Entretanto, na ordem em que vivemos o mundo, tudo é corrido, as notícias do agora já são ultrapassadas pois já possui novas informações, coisas que demoravam certa quantidade de tempo para acontecer agora já se manifestam em dias ou horas, fazendo com que a importância dos livros e de uma boa história seja obsoleta, porém, esse ato, de certa forma, coloca a informação em um nicho o que é exatamente o oposto do que ela representa, por isso que ela quer e permitir que o ser humano tenha o poder de imaginar e viver experiências ainda não experimentadas por ele, dando sensação de liberdade e poder sobre como irá se sentir ou agir, de ser livre tanto fisicamente quanto mentalmente.

Que não seja negligenciado o estudo nas escolas sobre desenvolvimento de robótica e programação, pois a escola tem o dever de nos inserir na realidade que nos está sendo apresentada, mas que da mesma forma que há importância para um que também seja defendido o valor de uma arte que existe desde o mundo ser mundo, que são os contos e histórias e beleza que é contar ou

ouvir tais fragmentos, o que essa resenha deseja defender é que não haja uma disputa do que é mais ou menos importante, como uma pessoa puxando um lençol de um lado destampando o outro lado e vice-versa, mas que a importância da leitura seja defendida e preservada como herança de geração em geração.

CAPÍTULO 2 - O USO DE MITOS E NARRATIVAS COMO TÉCNICA DIDÁTICA: COMPARAÇÕES ENTRE A ANTIGUIDADE CLÁSSICA GREGA E A IDADE CONTEMPORÂNEA

Julia Figueiredo Vanoli

Este texto tem por objetivo discutir o uso de mitos e histórias como ferramenta didática na Grécia Antiga e na atualidade, além de analisar a mudança de significado do termo “mito”, que a princípio se igualava a “relato” mas com o passar do tempo e a intervenção do pensamento filosófico racional, se tornou sinônimo de “mentira” e “inverdade”. Também será discutido como a mitologia, em especial a grega antiga, possuiu um papel de extrema importância para a construção de uma identidade cultural, a capacidade de união entre as pessoas, o estabelecimento de regras de convivência e a existência de modelos padrões de heróis (que simbolizavam a virtude de um povo).

O ser humano é um ser narrativo e discursivo, é um ser intrinsecamente ligado à comunicação e à linguagem. Portanto, narrativas e mitos são também intrínsecos à sua existência. A contação de tais histórias é uma técnica didática adaptável às mais diversas realidades e faixas etárias. Atualmente, por exemplo, muito do que se consome online nas redes sociais nada mais é do que sequências rápidas de micro histórias: vídeos e *shorts* do *Youtube*, micro vídeos do *Tiktok*, *stories* do *Instagram* e do *Whatsapp*. Todos os casos anteriormente citados são exemplos de como as narrativas, ficcionais ou não, fazem parte do cotidiano. Engana-se, entretanto, quem pensa que tal técnica surgiu recentemente: a narração de histórias e mitos, como são conhecidos hoje, data da Grécia Antiga.

Os mitos, na concepção grega antiga, estruturam a realidade sociopolítica-cultural da nação, sendo, portanto, formas de se explicar fenômenos até então inexplicáveis, atos de pensar e imaginar as respostas acerca dos mistérios da vida. A mitologia é o conjunto dessas narrativas e surge como resposta às perguntas: “de onde viemos? Alguém nos criou? Quem?”. Através da narração, os gregos antigos passavam adiante suas crenças, costumes e sua própria História. Ensinavam através da contação de histórias passadas de geração em geração, ora por meio da música, ora por meio da fala, tendo sempre em comum a aparição de elementos fantásticos e não naturais. Assim, há a presença dos aspectos sobrenaturais: semideuses e deuses, musas, heróis com dons sobre-humanos, seres realmente não humanos (como faunos, centauros e etc), entre outros. As figuras de deuses e heróis mostram arquétipos e modelos a serem seguidos: os heróis são modelos da virtude grega, enquanto

os deuses são arquétipos e fontes de explicação para fenômenos até então desconhecidos. Faz-se importante mencionar também que histórias orais são patrimônios culturais e imateriais de uma sociedade, de um povo, portanto essenciais para sua construção de identidade.

Entretanto, é importante salientar que mitos não aparecem de forma isolada de um contexto. Mitos são lições de “como se viver apropriadamente”, são narrativas com função de educar as pessoas de uma sociedade a viver de acordo com as regras, tradições, costumes e cultura de tal grupo. Dessa forma, eles são reflexos de sua época, sua sociedade, sua história e seu mundo. O conhecimento de histórias e acontecimentos locais, por exemplo, pode surgir a partir do estudo dos mitos e lendas de tal localidade. Mitos, folclore, contos de fada, lendas e contos populares são enraizados na tradição oral e, vez ou outra, possuem relatos reais de atividades do passado.

Consequentemente, os mitos não estão presentes de maneira exclusiva na Grécia Antiga, na verdade eles são qualquer narrativa fantástica que objetive explicar a realidade e a origem de um povo. Vale destacar, assim, a influência eurocêntrica na concepção comum de mito e mitologia: tem-se muito conhecimento da mitologia grega antiga, mas pouquíssimo sobre as mitologias indígenas brasileiras, africanas, asiáticas, dentre outras.

Por outro lado, hoje a palavra “mito” possui um significado diferente, pois se refere a coisas fantasiosas, histórias fantásticas e inverossímeis. O que antes, na Grécia Antiga, era uma forma de se explicar verdadeiramente a realidade e os fenômenos inexplicáveis, hoje se tornou sinônimo de algo pejorativamente fantasioso. O que antes se mostrava repleto de simbolismos importantes e facilmente compreensíveis, agora é equivalente a “falsidade” e “mentira”. Os mitos já foram, em algum momento, parte de uma religião e, portanto, parte da educação de um povo, mas com o passar do tempo e o desenvolvimento do conhecimento científico-tecnológico, perderam força, sendo enquadrados no campo do folclore, não mais da realidade.

É possível estabelecer uma série de características comuns quando se fala de mitos que representavam a realidade e explicavam a origem do mundo de determinada sociedade, sendo ela grega ou não. Tais características são: presença da história de origem dos deuses e do universo daquela mitologia; narração a partir de lógicas não muito rígidas; inexistência de limite entre natural e sobrenatural; preocupação em contar o surgimento das divindades, do universo e dos elementos da natureza; uso do nascimento como um dos principais símbolos, devido à maior facilidade de entendimento e reconhecimento por parte das pessoas. A título de exemplo, é extremamente comum que o surgimento dos elementos da natureza e do universo daquela sociedade seja explicado a partir da relação entre deuses, que culminou no nascimento de algo ou alguém.

A didática age como facilitadora para que ocorram processos de ensino e aprendizagem eficazes e, para chegar ao seu objetivo, ela dispõe de técnicas, como por exemplo a contação de

histórias. O mito, quando trabalhado em sala de aula, promove oportunidades para que os alunos exercitem a imaginação e a criatividade, além de expandir sua visão de mundo de forma a perceber que diferentes sociedades em diferentes épocas possuíam suas maneiras particulares de interpretar a realidade a sua volta a partir das ferramentas e dos conhecimentos que lhes eram disponíveis. É também uma oportunidade valiosa de trabalhar a interpretação de textos, por exemplo, dentro do âmbito do ensino de línguas e literatura, habilidade esta que se mostra imprescindível porém escassa na atualidade, principalmente nos ambientes virtuais.

Outra forma de se trabalhar mitos e narrativas em sala de aula é a partir da distinção entre o real e o ficcional: é preciso mostrar aos alunos que, mesmo que algo pareça razoável e verdadeiro, faz-se necessário pesquisar e se informar antes de acreditar cegamente em qualquer história. Novamente, esta é uma habilidade importantíssima em ambientes virtuais, onde não há limites para a interação entre as pessoas, dentre elas as mais vulneráveis: crianças e adolescentes. De maneira similar, é importante mostrar a eles que existem aspectos positivos e negativos nas narrativas também: não é incomum encontrar pessoas ou grupos que fazem uso de narrativas enviesadas a fim de manipular um ou mais indivíduos, por exemplo. Assim, trabalhar tais aspectos linguísticos e discursivos responsáveis pela manipulação também é possível através do uso de mitos.

Em suma, a mitologia grega antiga é um complexo conjunto de narrativas de origem e de ensinamento, assim como o são várias outras mitologias espalhadas pelo globo. Era usada para ensinar princípios morais e virtudes. Era, também, uma forma de justificar a existência humana. Nota-se que já na Antiguidade, narrativas e mitos eram usados para fins didáticos e, apesar do passar do tempo e do surgimento de novos conhecimentos, eles ainda são utilizados hoje em dia, mesmo que de formas diferentes. Quando se fala em usar a mitologia e a narração de histórias no ambiente escolar, é certo afirmar que bons professores precisam ser bons contadores de histórias, visto que esse é o método mais fácil de transmitir conhecimento. Existem inúmeras possibilidades para se trabalhar tal material na escola, e algumas foram citadas neste texto: exercício da imaginação e criatividade, expansão da visão de mundo dos alunos, interpretação de textos, distinção entre o real e o ficcional, existência de aspectos positivos e negativos nas histórias e identificação das tentativas de manipulação por parte de pessoas mal intencionadas.

CAPÍTULO 3 - AEDOS E GRIOTS: DESAFIANDO ESTEREÓTIPOS NA HERANÇA MITOLÓGICA

Brenda dos Santos Laz

Esta análise busca sintetizar as características distintivas das mitologias grega e africana, destacando a disparidade na percepção global dessas narrativas. Ao contrastar a mitologia grega, frequentemente enaltecida no cenário cultural ocidental, com a mitologia africana, por vezes subestimada ou demonizada, o objetivo é promover uma apreciação mais equitativa. Reconhecendo a vastidão e diversidade em ambas as mitologias, a análise ousa trabalhar com generalizações, consciente da necessidade de cautela. Nesta exploração crítica, o foco central recairá na importância dos contadores de histórias, desafiando preconceitos arraigados e fomentando uma apreciação justa da diversidade cultural expressa por essas ricas tradições narrativas.

Embora distintas em suas origens e características, as mitologias grega e africana compartilham a natureza intrínseca de seus respectivos contextos culturais. Ambas desempenham papéis fundamentais na compreensão das cosmovisões de suas sociedades de origem, utilizando narrativas míticas para explicar a origem do cosmos, a natureza circundante e os valores essenciais que moldavam as vidas de seus povos. Enquanto a mitologia grega se enraíza na rica tradição da Grécia Antiga, permeando a expressão artística, literária, e codificação identitária da sociedade, a mitologia africana se destaca por sua notável diversidade, refletindo a multiplicidade de comunidades e tradições no vasto continente. Ambos os conjuntos de mitos exigem uma abordagem sensível, contextualizada e livre de generalizações, reconhecendo a complexidade e individualidade inerentes a essas manifestações mitológicas.

De acordo com o historiador e filósofo brasileiro Leonardo Tondato de Mello “o mito trata, para a psicologia analítica, sobre fenômenos que ocorrem na vida humana e sobre temáticas universais, como, por exemplo, a maternidade, a paternidade, bem, mal, entre outros” (2021, p. 21). Mergulhando nos estudos de Tondato de Mello, baseado na teoria desenvolvida por Carl Jung, os mitos são como expressões simbólicas do inconsciente coletivo, representando arquétipos e padrões universais presentes na psique humana. Dessa forma, as histórias míticas não são apenas relatos fictícios, mas reflexões profundas sobre a natureza humana, suas relações, dilemas éticos e a busca por significado.

Ao abordar a mitologia grega, é inegável reconhecer seu impacto duradouro na filosofia, literatura e artes ocidentais. As epopeias de Homero, como a "*Iliada*" e a "*Odisseia*", e as obras de

Hesíodo, como a "*Teogonia*", são amplamente estudadas e reverenciadas. Contudo, essa supervalorização muitas vezes resulta em uma marginalização das mitologias africanas, que têm raízes igualmente profundas e significativas. Excepcionalmente, na "*Iliada*" e "*Odisseia*" também é destacado a importância dos aedos na tradição oral grega. Na "*Iliada*", os *aedos* são mencionados como músicos que desempenham um papel crucial na transmissão de histórias épicas, celebrando as glórias dos heróis e eventos épicos.

Os *griots* ocupam um lugar central na tradição africana como contadores de histórias e guardiões da mitologia. Além de transmitirem mitos e lendas de geração em geração, desempenham um papel fundamental na preservação da identidade cultural, incorporando elementos culturais nas narrativas que mantêm viva a essência das comunidades africanas. Na obra "*Griots – Literatura e Culturas Africanas*" (LIMA, SANTOS, 2016, p. 108), destaca-se a definição do Griot na cultura africana como um homem de alta sabedoria, adquirida por meio de relatos orais transmitidos de pais para filhos ao longo de inúmeras gerações. Os *griots* são respeitados em seus países e são considerados bibliotecas vivas.

Além da contação de mitos, os *griots* registram genealogias e eventos históricos, estabelecendo conexões entre o passado e o presente. Utilizam a contação de histórias como uma ferramenta de educação informal, transmitindo valores morais, ensinamentos práticos e lições de vida. Essa prática não apenas preserva a rica mitologia africana, mas também transmite a sabedoria ancestral contida nos mitos, oferecendo uma compreensão holística do cosmos. A capacidade dos *griots* de adaptar as histórias às mudanças nas circunstâncias permite que a mitologia evolua ao longo do tempo, mantendo-a relevante e significativa para as comunidades contemporâneas. Em suma, os *griots* desempenham um papel multifacetado na contação de histórias, contribuindo para a preservação e transmissão da rica herança mitológica africana.

A mitologia africana, diversificada e rica, reflete a complexidade cultural do continente, mas, infelizmente, é frequentemente estigmatizada e negligenciada. Esta marginalização contribui para uma narrativa global que subestima suas significativas contribuições históricas e culturais, resultando até mesmo na demonização de elementos mitológicos associados a práticas obscuras ou supersticiosas. Ao comparar a mitologia africana com a grega, torna-se evidente uma disparidade notável em percepções e valorizações. Enquanto a mitologia grega é frequentemente supervalorizada, sendo considerada uma narrativa fundacional para a compreensão da cultura ocidental, a mitologia africana é, por vezes, erroneamente subestimada, levando à sua injusta demonização. Essa crítica ressalta a necessidade premente de desafiar essas visões desequilibradas e de reconhecer a importância intrínseca da mitologia africana.

Ambas as tradições compartilham características fundamentais, fornecendo narrativas explicativas sobre a origem do mundo, a natureza, a moralidade e o papel da humanidade no cosmos. Ao revelar a complexidade das sociedades que as geraram, ambas as mitologias merecem uma apreciação equitativa e a superação de estereótipos que obscurecem sua riqueza cultural e histórica.

A contação de histórias pelos *aedos* na Grécia Antiga e pelos *griots* na tradição africana não era apenas uma prática de transmitir mitos, mas também desempenhava um papel fundamental no contexto educacional. Esse método didático era de extrema importância por diversas razões. Em primeiro lugar, a contação de histórias permitia a preservação e transmissão de conhecimentos culturais e históricos, servindo como veículo para manter viva a identidade de uma sociedade. Além disso, ao expor as crianças a narrativas imaginativas, a prática estimulava a criatividade e a capacidade de visualização. As histórias não eram apenas relatos; muitas delas continham lições de moralidade e ética, oferecendo uma maneira eficaz de transmitir valores fundamentais para as gerações mais jovens.

O aprendizado por meio da contação de histórias era lúdico, transformando a aquisição de conhecimento em uma experiência envolvente e memorável. Algumas histórias também incluíam conhecimentos práticos, como técnicas agrícolas e habilidades essenciais para a sobrevivência. Além disso, a prática fortalecia os laços comunitários, pois muitas vezes ocorria em contextos coletivos, contribuindo para a coesão social e a construção de uma identidade comum.

Outro aspecto importante era o desenvolvimento linguístico, pois a exposição constante às narrativas contribuía para a ampliação do vocabulário, a compreensão da estrutura gramatical e nuances da língua. A flexibilidade das histórias permitia adaptações conforme a cultura evoluía, garantindo que as narrativas continuassem relevantes e alinhadas com as mudanças na sociedade. Em resumo, a contação de histórias pelos *aedos* e *griots* era uma abordagem educacional abrangente, integrando valores, imaginação e práticas culturais em um formato envolvente e eficaz.

É importante destacar a equidade na apreciação das mitologias grega e africana para promover uma compreensão mais justa e abrangente das riquezas culturais globais. Isso é relevante, pois a valorização desigual perpetua visões distorcidas e contribui para a marginalização de tradições mitológicas igualmente significativas. O interesse na temática reside na capacidade das mitologias em refletir aspectos universais da condição humana, como maternidade, paternidade, bem e mal. Essas narrativas não são apenas relatos fictícios, mas expressões simbólicas do inconsciente coletivo, proporcionando insights profundos sobre a natureza humana, ética e busca por significado. A teoria, baseada nos estudos de Leonardo Tondato de Mello e na psicologia analítica de Carl Jung, destaca como os mitos são veículos para explorar a complexidade das sociedades, oferecendo lições morais e éticas. Isso pode ser aplicado de maneira comparativa a filmes e séries contemporâneos que também

exploram temas universais, proporcionando uma compreensão mais ampla e interconectada da narrativa humana.

Além disso, ao considerar a prática da contação de histórias pelos *aedos* na Grécia Antiga e pelos *griots* na tradição africana, percebemos como a educação por meio de narrativas não só preserva identidades culturais, mas também promove o desenvolvimento linguístico, fortalece laços comunitários e transmite conhecimentos práticos. Isso pode ser comparado à forma como a tecnologia contemporânea, como podcasts e plataformas digitais, reinventa a contação de histórias, tornando-a uma ferramenta poderosa na educação e conexão global. A comparação com filmes e séries modernos, que muitas vezes exploram mitos ou arquétipos semelhantes, permite uma compreensão mais tangível da persistência dessas narrativas na cultura contemporânea. Isso destaca a atemporalidade e a relevância das histórias mitológicas, transcendentais através de diferentes épocas e mídias.

Na contemporaneidade, a contação de histórias se reinventa, aproveitando tecnologias como plataformas digitais e podcasts para tornar as narrativas acessíveis globalmente. A diversidade cultural é celebrada, promovendo compreensão global, enquanto métodos interativos e aplicativos educacionais transformam a aprendizagem em uma experiência participativa. Narrativas focadas em questões sociais e éticas incentivam a reflexão crítica. A prática expande-se para além da educação infantil, alcançando adultos em contextos profissionais e comunitários. O resgate de narrativas locais preserva identidades culturais, tornando a contação de histórias uma ferramenta contemporânea poderosa para educar, conectar e inspirar reflexões em um mundo em constante evolução.

No entanto, é vital questionar por que a mitologia grega é frequentemente elevada a um pedestal enquanto as mitologias africanas são relegadas a um segundo plano. Tal abordagem perpetua desigualdades e contribui para uma visão distorcida da riqueza cultural global. Ao examinar as mitologias em conjunto, é possível desconstruir noções preconcebidas e apreciar a diversidade e complexidade de ambas as tradições. A elaboração deste trabalho ampliou meu conhecimento sobre mitologias grega e africana, destacando nuances culturais e a importância das narrativas mitológicas na compreensão da condição humana. Aprofundou minha compreensão sobre a psicologia analítica de Carl Jung e a aplicação dos mitos como expressões simbólicas do inconsciente coletivo.

Em retrospectiva, é reconhecível que uma abordagem mais detalhada sobre mitos específicos poderia enriquecer a compreensão das complexidades presentes nas mitologias grega e africana. Para pesquisas futuras, sugiro a exploração comparativa de mitos específicos, analisando como elementos culturais e sociais se manifestam nessas narrativas, incluindo uma investigação das representações contemporâneas em mídias. A consideração da importância da contação de histórias destaca a necessidade de explorar como práticas educacionais baseadas em narrativas podem refletir lições

morais e éticas nas mitologias grega e africana, propondo a integração desses mitos de maneira abrangente nos currículos escolares.

A continuidade da pesquisa poderia se concentrar nas interseções entre mitologias, psicologia e manifestações contemporâneas, contribuindo para uma apreciação mais holística das narrativas mitológicas. A crítica à supervalorização da mitologia grega em detrimento da africana destaca viés cultural, eurocentrismo e imperialismo. Problematicar essas representações é crucial, desconstruindo estereótipos e valorizando a diversidade das tradições mitológicas ao redor do mundo. Em última análise, esse esforço promove uma compreensão mais equitativa e rica das heranças mitológicas, celebrando a pluralidade cultural e desafiando preconceitos enraizados.

CAPÍTULO 4 - MITOLOGIA GREGA NA EDUCAÇÃO E NO UNIVERSO CINEMATOGRAFICO

Gabriel Ferreira da Silva

A mitologia grega é um tesouro cultural que perdura através dos séculos, enraizado na essência da antiga civilização helênica. Essa tradição de narrativas mitológicas compõe uma história de deuses, heróis e aventuras extraordinárias, oferecendo uma viagem fascinante das crenças, valores e entendimentos de mundo da Grécia Antiga. Ao longo dos tempos, os mitos gregos transcenderam fronteiras temporais e geográficas, mantendo-se relevantes na cultura contemporânea. Não apenas constituem relatos épicos, mas também são reflexos dos conflitos que ecoam através da história humana. A complexidade das narrativas, com suas lições éticas e morais entrelaçadas, mostram não somente a arte, literatura e linguagem, mas também influencia diretamente áreas como a filosofia.

Dentro do universo cinematográfico, a mitologia grega encontrou um espaço, produções como "Fúria de Titãs", "Hércules", "Percy Jackson" e outras recriam essas histórias, mostrando a grandiosidade dos deuses e a bravura dos heróis. O cinema não só proporciona entretenimento visual, mas também serve como portal para a compreensão dessas narrativas atemporais para um público mais amplo. A presença da mitologia grega nas telas não é meramente um espetáculo; é também um convite à exploração mais profunda. Além de despertar o interesse pelo mundo antigo, esses filmes desencadeiam discussões e estudos sobre a interpretação contemporânea dos mitos, levando à análise comparativa entre as versões cinematográficas e suas fontes originais. Não apenas ferramentas de entretenimento, esses filmes se tornaram recursos educacionais valiosos. Professores e acadêmicos os utilizam como uma ponte entre as tradições clássicas e o conhecimento moderno, incentivando uma compreensão da cultura grega e sua influência contínua atualmente.

A mitologia grega é um fascinante conjunto de histórias que revelam as crenças, valores e visões de mundo da antiga civilização helênica. Composta por um panteão de deuses, heróis e seres extraordinários, essa rica tradição narra eventos mitológicos que transcendem o tempo e continuam a exercer influência na cultura contemporânea. Os mitos gregos são uma janela para compreender a cultura da Grécia Antiga. Eles retratam não apenas as aventuras dos deuses, mas também as virtudes, falhas e dilemas enfrentados pelos heróis. De figuras como Zeus, o poderoso senhor dos deuses, a heróis como Hércules, cujas jornadas simbolizam a coragem e a busca pela redenção, essas narrativas são repletas de lições sobre ética, perseverança e o complexo tecido da condição humana. Além de seu impacto na arte, literatura e linguagem, a mitologia grega influencia o pensamento

contemporâneo. Muitos conceitos, termos e metáforas encontrados na ciência, psicologia e outras áreas derivam de nomes e histórias da mitologia. Por isso, estudar esses mitos não só amplia o entendimento cultural, mas também facilita a compreensão de referências presentes na sociedade atual.

A presença da mitologia grega na educação contemporânea transcende a mera transmissão de histórias antigas, ela se torna um veículo essencial para a compreensão multidimensional e o desenvolvimento dos alunos. Os mitos oferecem um rico terreno para explorar valores, princípios éticos e até mesmo habilidades. Ao analisarmos essa tradição narrativa em paralelo com os princípios fundamentais da educação, revelam-se conexões profundas que enriquecem a experiência educacional. A personificação presentes nos mitos gregos ecoam as jornadas de aprendizado dos estudantes. Heróis como Hércules e Aquiles enfrentam desafios monumentais, cometem erros, aprendem lições valiosas e crescem através das dificuldades, refletindo o processo educacional. Suas histórias destacam a importância da persistência, coragem e aprendizado com os erros, fundamentais na formação dos jovens.

Além disso, a diversidade dos deuses e deusas gregos ressoa na diversidade de talentos e habilidades dos alunos. Cada divindade possui atributos únicos, assim como os alunos têm suas próprias aptidões e interesses. Uma educação inclusiva que reconhece essa diversidade é capaz de estimular o potencial individual e criar um ambiente equitativo e acolhedor. A flexibilidade dos mitos gregos permite a sua integração em diversas áreas do conhecimento. Na história, esses mitos oferecem um contexto cultural valioso, fornecendo uma compreensão mais profunda das civilizações antigas. A abordagem interdisciplinar da mitologia grega na educação contemporânea vai além de apenas transmitir conhecimento histórico. Ela incita os alunos a conectar saberes de múltiplas áreas, cultivando a imaginação e a criatividade enquanto os engaja em uma jornada de aprendizado envolvente. Então, os mitos gregos não só narram aventuras antigas, mas também espelham a complexidade da condição humana, reconhecendo que os erros são oportunidades de aprendizado. A educação, portanto, vai além do domínio de conteúdos, abrangendo também a formação de valores e ética, assim como evidenciado nos mitos.

Na contemporaneidade, a mitologia grega encontra novos caminhos para se conectar com os estudantes. Adaptada para um contexto moderno, como em filmes populares, ela proporciona uma ponte entre os mitos antigos e a vida cotidiana dos estudantes. Essa abordagem contemporânea facilita a identificação do público mais jovem com essas histórias mitológicas, mantendo sua relevância e valor educacional. Então, os paralelos entre a mitologia grega e a educação contemporânea são ricos e significativos. Ao explorar essas conexões, a educação se torna mais rica, relevante e inclusiva, fornecendo aos alunos não apenas conhecimento, mas também as ferramentas

necessárias para enfrentar os desafios da vida com sabedoria e determinação. Essa integração, portanto, desempenha um papel vital no desenvolvimento acadêmico e no enriquecimento do entendimento dos alunos sobre o mundo ao seu redor.

Estudar mitologia grega é fundamental por diversas razões, pois essa tradição oferece uma riqueza de conhecimento e entendimento sobre a cultura, valores e visões de mundo de uma civilização antiga que moldou profundamente a história e influenciou inúmeras áreas até os dias de hoje. Aqui estão algumas razões pelas quais a mitologia grega é tão importante:

Compreensão da Cultura e História: A mitologia grega oferece reflexões profundas sobre a cultura, crenças e valores da antiga Grécia. Ao estudar esses mitos, podemos compreender melhor como as pessoas daquela época entendiam o mundo ao seu redor, seus rituais, tradições e formas de pensar.

Influência na Arte e Literatura: A mitologia grega é uma fonte inesgotável de inspiração para a arte e a literatura. Ela permeia obras clássicas e contemporâneas, desde pinturas e esculturas até peças teatrais, romances e filmes. Compreender esses mitos enriquece a apreciação e compreensão dessas obras.

Base para o Entendimento de Termos e Conceitos: Muitos termos, conceitos e figuras de linguagem em várias disciplinas, como medicina, astronomia, psicologia e geografia, têm suas raízes na mitologia grega. Estudar esses mitos é essencial para compreender a origem e o significado de muitos desses termos.

Valores e Lições: Os mitos gregos apresentam histórias ricas em lições sobre coragem, ética, amizade, superação de desafios e muitos outros valores universais. Essas narrativas continuam relevantes e podem servir como uma fonte de reflexão e orientação nos dias de hoje.

Desenvolvimento da Criatividade: Ao explorar mitos gregos, há espaço para a imaginação e a criatividade. Isso pode inspirar a produção artística, literária e até mesmo inovação em várias áreas.

A presença da mitologia grega em filmes não apenas oferece entretenimento, mas também se tornou uma área de estudo fascinante. A adaptação cinematográfica desses mitos oferece uma perspectiva moderna e acessível, ampliando o alcance dessas histórias atemporais para um público mais amplo. Essa representação no cinema não apenas cativa espectadores, mas também pode servir como um ponto de partida para explorar e compreender a mitologia grega de forma mais profunda.

Filmes como "Fúria de Titãs", "Hércules", "Percy Jackson" e até mesmo produções mais antigas como "Clash of the Titans" transportam o público para o mundo dos deuses, semideuses e monstros da mitologia grega. Eles recriam as lendas, muitas vezes adaptando-as para se adequar ao formato cinematográfico, mas mantendo a essência das histórias originais, eles não só oferecem entretenimento visual e narrativo, mas também despertam o interesse pela mitologia, levando muitos

a explorar mais a fundo esses contos e suas raízes históricas. A representação de personagens como Zeus, Hera, Poseidon e outros deuses em tela grande ajuda a popularizar essas figuras mitológicas, facilitando a conexão do público com os mitos gregos. Além disso, a presença da mitologia grega no cinema permite análises e estudos mais aprofundados. Estudantes podem comparar as interpretações cinematográficas com as fontes originais, investigando como os cineastas adaptam essas histórias para a tela. Isso contribui para uma compreensão mais ampla da relevância contínua desses mitos na cultura contemporânea. O impacto dos filmes baseados na mitologia grega não se limita apenas ao entretenimento. Eles também podem servir como ferramentas educacionais poderosas. Professores têm usado esses filmes como recursos para ensinar sobre a cultura grega antiga, incentivando os alunos a explorarem a conexão entre os mitos retratados na tela e suas origens históricas, literárias e culturais.

A mitologia grega, com seus deuses, heróis e narrativas míticas, emerge não apenas como uma coleção de histórias antigas, mas como um legado cultural vivo. Ao longo do texto, exploramos sua presença marcante na educação, revelando paralelos profundos entre os mitos e os princípios fundamentais do aprendizado. Essas narrativas transcendem o tempo e o espaço, ecoando valores universais, lições éticas e um entendimento da natureza humana. Dos deuses imponentes aos heróis em busca de redenção, os mitos gregos oferecem uma reflexão sobre coragem, resiliência, falibilidade e triunfo.

Na educação contemporânea, a mitologia grega assume um papel multifacetado, não apenas como um meio de transmitir conhecimento histórico, mas como um catalisador para o desenvolvimento dos alunos. A personificação presente nesses mitos ecoa as jornadas de aprendizado dos estudantes, mostrando a importância da persistência, da coragem diante dos desafios e do aprendizado através dos erros. A diversidade dos deuses e deusas gregos reflete a pluralidade de talentos e habilidades dos alunos, formando uma abordagem inclusiva na educação. Essa flexibilidade mitológica permeia diversas disciplinas, conectando história, ética e filosofia, estimulando uma compreensão interdisciplinar do conhecimento. Então, a adaptação da mitologia grega para o universo cinematográfico não apenas oferece entretenimento, mas se tornou um campo de estudo. Esses filmes não só recriam as lendas, mas também desencadeiam análises comparativas entre as representações cinematográficas e suas fontes originais, ampliando a compreensão da relevância contínua desses mitos na cultura contemporânea. Conclua-se que, a mitologia grega não é apenas um relato do passado, mas uma fonte de inspiração e aprendizado contínuo. Seus mitos presentes não só nas telas do cinema, mas também nos ensinamentos, impulsionando uma educação mais inclusiva e divertida. Ao explorar essas conexões, emergem novos horizontes para a compreensão da riqueza cultural, destacando a relevância atemporal dessas narrativas.

CAPÍTULO 5 - MITOLOGIA GREGA

Julia Macena da Rocha Silva

Os mitos gregos, intrinsecamente entrelaçados à opulenta herança da Grécia Antiga, constituem uma tapeçaria narrativa profunda e complexa que desempenhou um papel transcendental na formação da cultura helênica. Transmitidas oralmente ao longo das eras, essas histórias mitológicas não são meramente contos fantásticos, mas um legado cultural que abraça um amplo espectro de personagens, desde divindades majestosas até heroicos semideuses e as mais intrigantes criaturas mitológicas. Ao oferecerem explicações fascinantes para a origem do universo, os fenômenos naturais e os aspectos fundamentais da condição humana, essas narrativas constituem um rico patrimônio intelectual.

A mitologia grega, em sua grandeza, transcende as barreiras geográficas e temporais, consolidando sua influência ao longo dos séculos. Não apenas desempenhou um papel proeminente nas práticas religiosas da antiguidade, mas também moldou profundamente a visão de mundo dos gregos, fornecendo uma lente mitológica através da qual interpretavam eventos históricos, confrontavam-se com valores morais e exploravam questões existenciais. Nessa tapeçaria mitológica rica e intrincada, emergem não apenas relatos épicos protagonizados por deuses imortais e heróis destemidos, mas também reflexões profundas sobre a complexa natureza humana. Os mitos gregos constituem um terreno fértil para a exploração de dramas épicos, dilemas éticos e lições morais, oferecendo um entendimento mais profundo da intrincada teia da existência humana.

Além disso, a influência pervasiva dos mitos gregos transcende as fronteiras da Grécia Antiga, deixando uma marca indelével na literatura, arte e cultura contemporâneas. Suas metáforas e simbolismos ressoam de maneiras diversas e envolventes, demonstrando a atemporalidade e a universalidade dessas narrativas mitológicas que continuam a inspirar e intrigar a humanidade ao longo dos séculos. A culminação da mitologia grega se revela de maneira grandiosa na epopeia imortalmente atribuída ao poeta épico Homero, a "Ilíada". Esta monumental obra, datada do século VIII a.C., mergulha os leitores no épico conflito entre os gregos e os troianos durante a trágica Guerra de Troia, proporcionando uma narrativa rica e intrincada que se estende para além das fronteiras da mera narrativa mitológica.

O início da "Ilíada" é marcado pela fúria inigualável de Aquiles, um herói grego cujo temperamento é inflamado pela percepção de injustiça, quando Agamêmnon, líder dos gregos, retira sua prêmio de guerra, Briseida. Este conflito entre Aquiles e Agamêmnon transcende o âmbito da

guerra, tornando-se um símbolo arquetípico da vulnerabilidade inerente à condição humana, mesmo em meio à grandiosidade e à brutalidade do conflito. A busca de Aquiles por vingança e imortalidade através da fama adiciona uma camada de profundidade à narrativa, personificando a dualidade intrínseca à existência humana: a efemeridade da glória contrastada com a busca por algo eterno.

No tecido da trama, os deuses olímpicos exercem seus caprichos e intervenções, dotados de paixões humanas que direcionam os destinos dos mortais. Zeus, o senhor supremo, lidera esse panteão, impondo sua influência tanto no campo de batalha quanto nas vidas dos heróis. Essa presença divina destaca a intrincada relação entre o mundo divino e mortal, explorando temas profundos de destino, livre-arbítrio e a inevitabilidade da morte. Ao percorrer as páginas da "Ilíada", somos testemunhas de uma exploração vívida das virtudes e falhas humanas encarnadas por personagens como Heitor, Príamo, Agamêmnon e Ulisses. A tragédia, culminando na morte de Heitor, ressoa profundamente, instigando uma reflexão sobre a natureza efêmera da glória heroica e os custos humanos inerentes à busca por renome imortal.

A "Ilíada" não se limita a uma função narrativa; ela se eleva como uma obra-prima literária que transcende as fronteiras temporais, instigando reflexões profundas sobre a condição humana, os desígnios divinos e os intrincados laços entre o mito e a realidade. Seus temas universais continuam a ecoar através de diversas manifestações culturais, testemunhando a atemporalidade e a profundidade das narrativas mitológicas gregas. Expressando uma opinião positiva, é inegável que a "Ilíada" representa um pináculo da criatividade humana, uma obra que não apenas enriqueceu a herança literária grega, mas também ofereceu um espelho reflexivo para a humanidade, alimentando nossa compreensão das complexidades da existência de uma forma que transcende o tempo e as culturas.

Em resumo, a grandiosa epopeia "Ilíada" não se limita a ser um relato das vicissitudes da Guerra de Troia, mas se revela como uma tapeçaria rica e complexa que mergulha nas profundezas da condição humana. Desde a efêmera glória até a frágil teia do destino, a narrativa transcende as fronteiras temporais, oferecendo uma reflexão atemporal sobre a complexidade da existência. Os conflitos entre deuses e mortais, notadamente a fúria impetuosa de Aquiles, destacam a intrincada interconexão entre o divino e o terreno, proporcionando uma exploração reflexiva de temas universais como honra, vingança, amor e mortalidade. Ao acompanharmos as façanhas dos heróis, somos confrontados não apenas com suas proezas nos campos de batalha, mas também com suas vulnerabilidades e dilemas morais. A proximidade da tragédia iminente e as inevitáveis perdas humanas ressaltam a transitoriedade da vida, mesmo quando se busca ardentemente a glória imortal nos anais da história.

A "Ilíada", como uma obra-prima literária, transcende não apenas as limitações temporais e espaciais, mas também continua a inspirar gerações sucessivas. Seu legado ressoa como um

monumento não apenas da Grécia Antiga, mas como um espelho que reflete os aspectos mais profundos e intrincados da natureza humana. Dessa forma, a epopeia de Homero não é simplesmente uma história antiga, mas sim um testemunho eterno da busca humana por significado e propósito, confrontando-nos com questões fundamentais que ecoam através dos séculos, continuando a alimentar a chama da curiosidade e reflexão humanas.

CAPÍTULO 6 - MITOLOGIA VERSUS FILOSOFIA

Livian Coelho Fernandes

Anteriormente ao que conhecemos como surgimento da Filosofia, que teve sua origem na Antiga Grécia, o mito representava o principal respaldo utilizado pelos seres humanos para explicar a realidade, existência, atividades, além dos fenômenos naturais. O mito serviu, por diversas vezes, como um refúgio para os indivíduos na tentativa de compreender a sua própria realidade, encontrando conforto e acalento nessas justificativas mitológicas, buscando explicar o próprio mundo e as especificidades da existência humana. Esse aspecto, muito atrelado à religiosidade e às tradições, aderiu aos seres humanos uma concepção de mundo e originalidade baseados em mitos e práticas antagônicas, que durou durante vários séculos na Grécia e, por sua vez, ao redor do mundo.

O mito, entretanto, não segue uma lógica explicativa ou racional, contrariando as normas do pensamento filosófico-científico. Ele não representa um conhecimento que pode ser contestado pela racionalidade, ou pelas descobertas científicas, ele é transmitido através da tradição, que se caracteriza por ser imutável, distanciando-se da ciência, visto que era injustificado e inibido de fundamentos que comprovavam sua veracidade. Antes do pensamento filosófico-científico, a visão de mundo das pessoas era, majoritariamente, pautada nesse pensamento. Ele explicaria, através do sagrado, da magia, do sobrenatural e do mistério (considerados seus principais elementos), aspectos da realidade como os fenômenos naturais, sociais e políticos, a origem do universo e das pessoas e outros seres que nele habitam.

O mito e as suas narrativas são resultado da tradição cultural de um povo ou sociedade, geralmente passado de geração em geração, através de histórias ou textos sagrados que popularizaram esse pensamento. Quando deslocamos nossa perspectiva para o pensamento filosófico, podemos compreender que este se encontra intrinsecamente relacionado à uma tentativa de compreender o mundo através da racionalidade, opondo-se ao tradicionalismo e a narrativa mitológica. A partir disso, o pensamento filosófico-científico representa uma complexidade de ideias e conceitos. Como dito anteriormente, o discurso filosófico-científico, inaugurado na Grécia do século VI, foi o resultado da necessidade de compreender e explicar a realidade e os fenômenos naturais, sociais, políticos e econômicos através de outras ferramentas que não apelavam ao pensamento mítico. Ele então adentra esta narrativa, contendo algumas noções que serão essenciais para o seu desenvolvimento. São estas: a *physis*, a causalidade, a *archê*, o cosmo, o *logos* e o caráter crítico.

A *Physis* relaciona-se à natureza e ao seu estudo. Compreende-se que é na natureza ou no mundo natural, que é possível obter-se respostas para os fenômenos naturais, e é na natureza onde se encontra a essência fundamental das coisas. A causalidade representa um princípio no qual todas as ações possuem consequências, representando a relação entre causa e efeito sobre as coisas do mundo natural, explicando assim a formação de certos eventos e situações. A *Archê*, entretanto, é o elemento primordial, aquele que serviria de ponto de partida para todo o desenvolvimento do pensamento filosófico-científico. Diversos filósofos formularam suas teorias a respeito de qual seria esse elemento, buscando identificar um que levaria à uma explicação racional da realidade. O cosmo, no pensamento grego, se definia pelo universo em harmonia. O *logos*, é o princípio da racionalidade e do discurso, representa o aparato ordenador da realidade e, por fim, o caráter crítico, que se configura na capacidade de analisar os discursos, argumentos e conhecimentos na intencionalidade de questioná-los, contribuindo para o aprimoramento do conhecimento e produção de novos. A importância dessas noções se deve principalmente ao seu caráter inaugural do pensamento filosófico-científico, contribuindo então para o seu desenvolvimento.

A partir dessa análise sobre o pensamento filosófico-científico, podemos compreender a importância dos filósofos pré-socráticos. Esses filósofos foram responsáveis por inaugurar na Grécia, através de suas indagações, uma nova forma de compreender a realidade a partir da ciência e da razão. Os princípios explicativos desenvolvidos por eles deram início à uma nova forma de pensamento que não fazia apelo às explicações dadas pelo pensamento mítico, aquelas que não poderiam ser contestadas e criticadas. Entretanto, o pensamento filosófico-científico, este sim estaria sujeito à críticas e contestações. Suas contribuições para o desenvolvimento e avanço deste pensamento são das mais diversas, como por exemplo na maneira de compreender o mundo e seus fenômenos naturais e sociais, na organização da sociedade, na arquitetura, na música, nas artes, na matemática e entre outros.

Vemos que a construção do pensamento filosófico-científico, desde a Grécia Antiga, se constituiu de forma essencial como base para os avanços tecnológicos e científicos atualmente. As bases desse pensamento, como o uso da racionalidade, o método científico e a análise crítica dos objetos de estudo foram importantes para o avanço da modernidade. Além disso, tanto a filosofia, quanto o pensamento científico, constituem forças importantes para a compreensão da humanidade, da natureza e de suas ocorrências, discorrendo sobre os avanços da ciência, a construção do tempo histórico e as mudanças sociais, econômicas e políticas decorrentes desses processos.

Em síntese, o pensamento filosófico-científico encontra sua importância e utilidade tanto no passado quanto nos tempos da atualidade. Ele exerce um papel imprescindível no processo de construção do conhecimento e na compreensão do mundo.

CAPÍTULO 7 - O SOFISMA E SUA ATUAL MANIFESTAÇÃO ATRAVÉS DAS MÍDIAS SOCIAIS

Andresa Ferreira Oliveira

Esse trabalho busca, através de uma breve contextualização histórica, discorrer sobre o Movimento Sofístico. A pesquisa pretende traçar características principais, descrevendo as críticas que o movimento sofreu na época e delinear um paralelo com as práticas atuais cometidas por meio das mídias sociais. O Movimento Sofístico aconteceu na Grécia por volta do século V a.C., nessa época, Atenas havia passado por 2 invasões, o que fez com que toda a população voltasse para a política. Nesse contexto, é importante ter em mente que considerados cidadãos eram especificamente homens, maiores de 21 anos, nascidos em Atenas cujos pais também houvessem nascido em Atenas, mas em contrapartida, a esmagadora maioria dos habitantes pertenciam a outros grupos.

Levando em consideração que apenas os cidadãos tinham direitos políticos e de ocupar cargos públicos, dessa forma, para ocupar uma posição importante, era necessário o domínio da fala, ter uma boa oratória, e nesse meio surgem os sofistas, que não precisavam possuir origem nobre para o exercício. Apesar da forma como ficaram conhecidos, os sofistas na verdade começaram como educadores que cobravam em troca de ensinar sobre gramática, retórica e para os nobres e jovens políticos e tiveram o seu papel no dado momento. Talvez fossem os primeiros a exigir dinheiro em troca disso, o que foi um dos aspectos atacados por Aristóteles.

As principais críticas aos sofistas feitas por Sócrates e seus discípulos Platão e Aristóteles, se concentravam ao redor dos seus métodos e objetivos morais. Como eles educavam as pessoas para a política, uma necessidade da época, a competência de falar bem, saber argumentar e convencer era mais importante do que a verdade propriamente dita. Uma forte característica da prática dos sofistas era a argumentação para persuadir, o seu relativismo flexibilizava a noção de verdade, fazendo com que ela variasse a depender do contexto. Para isso, havia menos compromisso com a fidedignidade do que o era defendido e mais com o intuito de convencer, outro ponto fortemente criticado por Sócrates.

Traçando um paralelo com a atualidade, é possível notar tais características em diversas figuras conhecidas no cotidiano, como políticos e vendedores, por exemplo. Para essas pessoas, a persuasão é importante para atingir a um fim, essa argumentação não necessariamente envolve a verdade, mas tem uma finalidade prática, quer seja conseguir um voto ou a venda de um produto.

Possivelmente, os que mais se aproximem daqueles tão criticados por Sócrates e seus discípulos, os “sofistas atuais”, estejam nos novos espaços públicos onde podem discursar livremente: a internet.

Em uma realidade cuja informação está à disposição de maneira simples, seria de se esperar que fosse mais difícil se engambelar, mas o que ocorre é justamente o contrário. Com a profusão de conhecimento espalhado, as fontes não são filtradas, então ao não saber no que é seguro acreditar, torna-se fácil ser enganado por estratégias de persuasão. Um país como o Brasil, que convive com a desigualdade, geralmente se utiliza da falta de instrução das pessoas, seja para conseguir um voto, vender um produto de beleza ou uma fórmula mágica de enriquecimento. Pode-se observar o sofisma sendo usado através de argumentação religiosa, por exemplo, uma vez que a tradição cristã é forte em todo território.

É como se a pessoa que quer persuadir usasse os pilares dos princípios da pessoa para tal, como a sua religião, utilizando de frases, muitas vezes descontextualizadas, de livros sagrados ou tradições. Observou-se esse artifício sendo usado em grande intensidade nas eleições presidenciais de 2022 e nota-se como é poderoso, portanto, esse aspecto é algo a ser observado e a ter precaução. A espiritualidade particular de cada um é como fonte de esperança ou força motriz em meio a dificuldade, de forma que se utilizar dela em benefício próprio beira a inexplicável crueldade.

Entre os sofismas atuais, outro que vale a pena ser citado são os influenciadores digitais. Nas plataformas online, as estratégias de venda imperam, qualquer pessoa, não importa a origem, pode ter multidões consigo se souber fazer bom uso das palavras e imagens, nesses lugares, as pessoas vendem a si, a sua própria rotina e seus estilos de vida. Comercializar a própria imagem através de visualizações e likes costuma ser a porta de entrada para algo mais, pois, ao conquistar a simpatia das pessoas, ganha-se confiança e, com ela, é mais fácil comercializar produtos físicos ou serviços.

Uma blogueira da área da beleza fazendo o comercial de um novo cosmético capilar, por exemplo, utiliza da retórica sofista ao relacionar o item com o próprio cabelo, ao dar o entender que ela o usa e que, consequentemente, o cabelo de quem usar ficará da mesma forma. A partir desse exemplo poderia-se citar diversos outros, principalmente envolvendo a indústria da beleza, talvez a maior utilizadora de técnicas sofistas atualmente ao criar imperfeições e vender fórmulas milagrosas dentro dos seus frascos, faturando milhões com isso.

Entre os nichos de influenciadores que existem nas redes sociais, outro que consegue multidões de seguidores são os da área da saúde. Esses vendem seus cursos de emagrecimento, dietas, medicamentos e outras práticas com pouco embasamento científico utilizando palavras rebuscadas e sensacionalistas. Se intitulando profissionais de saúde fica difícil contestar, uma vez que é senso comum confiar em médicos e poucos têm o costume de verificar as informações que

recebem. Nesse ponto de vista, o sofismo mostra uma face maldosa, ao correr o risco de pôr em perigo a vida das pessoas.

Além dos exemplos citados, também caberia discorrer sobre os populares *coaches* financeiros e de desenvolvimento pessoal que vendem a promessa de riqueza, mas já é possível entender como a estratégia da persuasão impera desde a época da Grécia Antiga até os tempos vigentes. Uma habilidade que, apesar de importante e de ter tido o seu papel no passado, não possui compromisso com os fatos e com a verdade e que pode ser usado com más intenções a depender de quem pratica.

Com o cenário político da Grécia, os cidadãos discutiam os assuntos pertinentes à pólis em praça pública, para realizar isso era necessário saber defender a sua opinião por meio de argumentos e técnicas de oratória, nesse contexto surgem os sofistas. A sofística, naquela época, era focada para a ação, tendo como objetivo o debate público, os praticantes que educavam os jovens políticos da época e pediam dinheiro em troca de ensinar a habilidade. O ato de ganhar em troca de transmitir esse conhecimento e o descompromisso com a verdade foi duramente criticado por Sócrates e seus discípulos.

Apesar de os sofistas terem desaparecido, atualmente, as práticas de argumentação e persuasão perduram e são largamente utilizadas em virtude de objetivos particulares, principalmente no meio político e diversos nichos virtuais. Por isso, apesar da oratória ter o seu papel fundamental na vida do cidadão, este, por sua vez, deve ter cautela e investigar as reais intenções do discurso que consome, do contrário, será manipulado pelas intenções de outrem.

CAPÍTULO 8 - SÓCRATES E OS SOFISTAS: FILOSOFIAS CONTEMPORÂNEAS DE CUNHO POLÍTICO E SOCIAL

Lilian Avila da Silva

Dialogaremos sobre as contribuições de Sócrates e Paulo Freire no tange o conceito de educação crítica, que propõe como base o questionamento para a o alcance da sabedoria. Considerando uma educação baseada em formar alunos críticos e questionadores, a maiêutica de Sócrates assemelha se com o que

Freire disse sobre educação para a liberdade “*Ensinar é não transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua própria construção*” (Freire, 2003, p. 47). Nesse sentido o questionamento pautado na construção do conhecimento é essencial nesse processo de ensino aprendizagem. O questionamento na educação (maiêutica), ao contrário da ironia socrática, tem propósito de fazer do aluno um ser questionador e produtor do seu próprio conhecimento para que o mesmo quebre o estigma do “só sei que nada sei”. Enquanto a ironia tinha um caráter de questionar a fim da quebra do senso comum e constrangimento dos sofistas, a maiêutica era muito utilizada pelos professores como método de ensino.

Nessa produção, as semelhanças entre Freire e Sócrates serão evidenciadas a fim de reflexão sobre o fundamentalismo do questionamento e a valorização do conhecimento de si, visto que os filósofos que antecederam Sócrates pensavam sobre a origem do mundo. Cada filósofo pensou sobre a criação da matéria de alguma forma, porém Sócrates revolucionou ao pensar no ser humano como objeto de sua teoria.

Sócrates assim como Freire, revolucionou os métodos de educação. Enquanto Sócrates propôs a maiêutica como método de ensino, alguns séculos depois, Freire propôs a tendência libertadora, que se opunha ao tradicionalismo de sua época. Tanto Freire quanto Sócrates revolucionaram os métodos de ensino em épocas diferentes, visto que na os métodos de ensino em épocas diferentes, visto que na época de Sócrates os estudos eram focados na inteligência matemática e a partir do filósofo ateniense começou a se utilizar o debate como desconstrução do senso-comum e a trazer a “luz” para o conhecimento verdadeiro.

Sócrates, um filósofo grego, contribuiu com suas teorias na área da dialética. Enquanto os filósofos que antecederam Sócrates buscavam entender a origem das coisas, Sócrates buscava a desconstrução do senso comum e a consciência crítica. Com isso, Sócrates revolucionou os estudos

filosóficos, pois ao invés de buscar respostas nas coisas materiais, voltou seus estudos para a consciência humana. Sócrates propôs algo inovador para a sua época e com isso permitiu que mais estudiosos utilizassem de seu método para dar continuidade em seus estudos.

Freire, em sua tendência libertadora, propõe que o aluno seja o protagonista no seu processo de aprendizagem, com isso, professor e aluno constroem juntos o conhecimento. Essa tendência dialoga com o ensino de Sócrates sobre a maiêutica, pois nela a educação é construída, na relação professor-aluno onde ambos aprendem juntos. Em sua tendência libertadora, Freire é averso à tendência tradicional e propõe uma educação livre de qualquer tradicionalismo, onde o aluno tem autonomia para questionar e para saber de si. Esse apontamento de Freire assemelha-se ao que propõe Sócrates sobre a investigação do si como fonte de descoberta. A partir disso, o aluno consegue se situar no mundo, entendendo o meio social que está inserido e como ele aprende os conteúdos propostos.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 9, p. 9). Nessa afirmação, podemos fazer uma analogia do “mundo” como o ser humano, e a “palavra” podemos considerar como os conceitos. Nesse sentido, a leitura do “eu” precisa vir primeiro que os conceitos pré-estabelecidos. A leitura de si e do mundo são importantes para o processo de construção do “eu”, pois, a partir dessas leituras, o ser vai se construindo um ser social. Um aspecto importante a se destacar é que a ironia socrática é fundamental para a desconstrução do saber convicto e esses muitos questionamentos abrem oportunidades para uma nova leitura de mundo.

Neste tópico, destaco a importância para a ironia e a maiêutica, pois ainda que para Sócrates a ironia fosse utilizada para constranger os sofistas, atualmente a ironia é importante para a desconstrução do senso comum, visto que há muitos “falsos saberes”. Na construção do conhecimento científico é possível questionar o que é de fato verdadeiro e com isso, alcançar a sabedoria.

O meu interesse fica no âmbito dos estudos socráticos, pois já havia estudado sobre o filósofo no ensino médio e tinha um professor de filosofia que apropriava-se dos métodos socráticos para lecionar. Tendo isso, conhecer sobre esses conceitos me possibilitou relembrar os conteúdos que já havia estudado, porém, de forma mais difundida na universidade. Estudei também sobre Freire e sua tendência no ensino médio, porém no ensino médio, ainda não havia associado à Sócrates e considero a aplicabilidade das teorias em sala de aula, pois já venho fazendo esse experimento há um tempo.

Ao ministrar as minhas aulas utilizando a dialética, percebo que meus alunos interagem melhor comigo e com os outros colegas de classe, o que não acontece quando é uma atividade escrita, porque na maioria das vezes em uma atividade de questionários escritos o aluno fica restrito

a responder apenas no papel e raramente interage com o outro. Tendo isso, considero pertinente o uso do questionamento como forma de construção do conhecimento mútuo.

Nessa produção eu pude associar os dois teóricos e nunca havia nessa possibilidade, além do fato de ter lembrado muitos conceitos já vistos antes, o presente trabalho me fez associar a teoria em diversas outras áreas da vida, o que me possibilitou ver o tema por diversas óticas. Ainda que eu tenha feito muitas pesquisas, acredito que tenha faltado aprofundamento maior da teoria e relação com a filosofia. Também sinto que tenha faltado um certo amadurecimento filosófico e até mesmo um olhar mais crítico, contudo, o conhecimento dos temas foi consolidado ao longo do semestre.

CAPÍTULO 9 - MAIÊUTICA E IRONIA SOCRÁTICA

COMO METODOLOGIA DE ENSINO

Simone Julieta Dick de Aquino

A base filosófica para a formação escolar individual tem sua importância, contribuindo ao estimular o aluno a pensar por si só, já que essa habilidade é essencial para que ele desenvolva a autonomia e protagonize a própria vida. Por meio da atitude dialógica, para chegar ao conhecimento, Sócrates inspira um universo de possibilidades para pensar o ensino na atualidade.

Filosofia antiga corresponde ao período do surgimento da filosofia grega no séc. VII a.C. Surge na necessidade de explicar o mundo, de formas racionais para origem das coisas, dos fenômenos da natureza, da existência e da racionalidade humana. O termo filosofia é de origem grega e significa “*amor ao saber*”, ou seja, a busca pela sabedoria. Durante a transição do pensamento mítico, estudado anteriormente, para o racional, os filósofos acreditavam que deuses e as entidades mitológicas serviam de inspiração para a filosofia nascente. Assim no início, a filosofia estava intimamente relacionada com a religião: mitos, crenças, etc. Porém, este foi aos poucos dando lugar ao pensamento racional, ou ainda, do mito ao *logos*.

A consciência mítica era caracterizada pelas explicações encontradas nas histórias mitológicas, composta por entidades, entre deuses, titãs e outros seres que faziam surgir e davam sentido ao universo. Eram fantasiosas compostas de muitas imagens, construindo uma cultura popular transmitida por uma tradição oral, pelos poetas - rapsodos. Durante muito tempo, essas histórias constituíram a explicação sobre a cultura e sobre a origem de todas as coisas. Não havia distinção entre religião e outras atividades. Aos poucos, essa mentalidade foi se transformando e buscando novas possibilidades de explicação, dando lugar à argumentação, à capacidade de convencer e dar explicações baseadas na razão, o logos, Identificado como a fala objetiva, clara e ordenada. O pensamento grego foi abandonando a crença (consciência mítica) para o que “*faz sentido*” o que possui uma lógica, o que é capaz de ser explicado.

Esses são os períodos da filosofia antiga:

- Pré – Socrático (séc. VII – V a.C.)

Ocorre durante o período arcaico da Grécia, os estudos filosóficos buscavam explicar a natureza e a própria realidade. Neste período houve grande avanço da astronomia e o nascimento da física, com destaque ao filósofo Tales de Mileto.

- Socrático (séc. V – VII a.C.)

Também chamado de Período Clássico, se preocupa de questões relacionadas ao ser humano, com temas relacionados à alma, vícios e virtudes. Neste período se instala a democracia na Grécia. Os destaques da época foram Sócrates, Aristóteles e Platão.

- Helenístico (séc. IV a.C – VI d.C.)

É um período menos definido da filosofia antiga, com idéias e soluções menos categóricas. Além de temas relacionados à natureza e ao homem, estudavam a felicidade do ser humano independente da circunstância que fogem ao seu poder, como governo, sociedade e etc... Aqui destacam-se Epicuro, Aristóteles e Zenão de Lítio.

Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.) – Inaugurou o segundo período da filosofia grega. Nasceu em Atenas e é considerado um dos fundadores da filosofia ocidental. Baseada no diálogo, era chamada de filosofia socrática. Era marcada pela expressão “*Conhece-te a ti mesmo*”, busca da verdade através do autoconhecimento. Temos também como destaque, a filosofia “maiêutica” (*trazer a luz*). Fazendo relação com a iluminação da verdade, que para ele, está contida no próprio ser.

Ele era filho de um escultor e uma parteira (daí a idéia do parto para sua forma de fazer filosofia). Após uma consulta com o oráculo de Delfos, acabou recebendo a mensagem de que era o mais sábio dos gregos. Percebeu que era sábio, pois dentre os sábios, era o único que por julgar não saber, buscava o verdadeiro conhecimento. “*Só sei que nada sei*”. Assim se desenvolveu o método socrático: O filósofo inicia uma discussão e conduz seus interlocutores ao reconhecimento de seu próprio desconhecimento através do diálogo: primeira fase do seu método, chamada ironia ou refutação. Hoje não temos escritos deixados diretamente por Sócrates. O que se tem são relatos de seus discípulos, principalmente Platão e Xenofonte...

Na segunda fase, a “maiêutica” (técnica de trazer à luz). Ele solicita aos seus interlocutores, exemplos do que está sendo discutido, dando luz às idéias, que já estão dentro deles e são conhecidas por sua alma eterna. Para Sócrates ninguém é capaz de ensinar algo à outra pessoa, somente a pessoa pode tomar consciência e dar à luz a idéias. É importante concluir a maiêutica, partindo da reflexão, o sujeito vai do conhecimento mais simples, que já possui e segue em desvendar algo mais complexo e mais perfeito. Assim, a reflexão é a forma de atingir o conhecimento.

Ele com suas perguntas, muitas vezes incomodava os seus interlocutores e tinha como objetivo deixar claro que o conhecimento que julgavam conhecer não era realidade e que o não conhecimento ou a ignorância era preferível ao mal conhecimento (baseados em preconceitos). Percebeu também, que a segurança desses sábios faria com que eles nunca descobrissem o verdadeiro conhecimento. “*A vida sem questionamentos não vale a pena ser vivida*”. O método

socrático, sobretudo a ironia, colocava os poderosos políticos de Atenas expostos ao ridículo pela ignorância e o condenaram à morte. Acusado de atentar contra os deuses gregos e desvirtuar a juventude, foi julgado culpado e condenado a tomar um cálice de cicuta, porém surpreendendo à seus seguidores recusou-se a fugir.

A metodologia de Sócrates, pode ser usada como ferramenta educacional e aperfeiçoar a forma como o conhecimento é construído e motivando o desenvolvimento do aluno no processo de aprendizagem. Com seu método da percepção de que nem tudo se sabe; se conhecer como ser e se reconhecer no mundo, bem como o questionar das coisas (*valores e idéias sem persuadir*), são abordagens que se aplicam, com o uso do pensamento crítico, raciocínio e lógica em questões atuais como: justiça, moral, ética, sociedade e relações humanas. Assim, na sala de aula se pode pensar em dispor, ao desenvolver conteúdos da sua metodologia, elaborando propostas pedagógicas para o ensino do pré-escolar ao ensino universitário, com o propósito de promover o conhecimento com técnicas e processos de formação em áreas específicas.

CAPÍTULO 10 - FILOSOFIA SOCRÁTICA

José Lucas Carvalho da Silva

Sócrates era um visionário da dialética e da autoconsciência. Na vastidão da filosofia antiga, a figura marcante de Sócrates se destaca como um ícone incontornável, cujas ideias e métodos reverberam profundamente no curso do pensamento ocidental. Nascido em Atenas por volta de 469 a.C., Sócrates permanece uma figura enigmática, suas ideias transmitidas através dos diálogos de seus discípulos, notadamente Platão, já que o próprio filósofo não deixou registros escritos de sua filosofia.

Sócrates, com sua abordagem singular, desafiou as normas filosóficas de sua época ao privilegiar o diálogo e a investigação crítica sobre os dogmas estabelecidos. Sua filosofia era, em sua essência, uma busca incessante pela verdade e pelo aprimoramento moral dos indivíduos. No entanto, em vez de impor doutrinas preconcebidas, Sócrates empregava a ironia e a maiêutica como instrumentos para orientar seus interlocutores na descoberta de seus próprios conhecimentos.

A **ironia socrática**, caracterizada por uma atitude de aparente ignorância, servia como um meio de desarmar a presunção e a autoconfiança de seus interlocutores. Ao se apresentar como alguém desprovido de conhecimento, Sócrates estimulava o diálogo e a discussão, convidando outros a examinar e aprimorar suas próprias crenças. Essa abordagem, por vezes desconcertante, revelava-se uma estratégia eficaz para instigar a reflexão e questionar as supostas verdades.

A **maiêutica**, outra contribuição proeminente de Sócrates, pode ser compreendida como a "arte da parteira." Nesse processo, Sócrates assumia o papel de parteiro do conhecimento, orientando seus interlocutores por meio de uma série de questionamentos habilidosos. Por meio desse diálogo cooperativo, o filósofo buscava auxiliar seus discípulos a "dar à luz" suas próprias ideias e descobertas, promovendo, assim, a autonomia intelectual e a autorreflexão.

A vida de Sócrates foi marcada por seu compromisso inflexível com a verdade, mesmo quando isso o levou a situações desafiadoras. Condenado à morte em 399 a.C., sob acusações de corrupção da juventude e desrespeito aos deuses da cidade, Sócrates optou por ingerir a cicuta em vez de renunciar aos seus princípios filosóficos. Sua morte tornou-se um símbolo de integridade e compromisso com a verdade, consolidando ainda mais sua influência duradoura na história da filosofia. Dessa forma, Sócrates emerge como um pioneiro na tradição filosófica, desafiando convenções e estabelecendo métodos que transcenderam sua própria existência. A ironia socrática e

a maiêutica continuam a inspirar o pensamento crítico e a busca pela verdade, ecoando através dos séculos como testemunhas do poder transformador do diálogo e da indagação filosófica.

A **Maiêutica Socrática** era a arte do questionamento e da auto-revelação. No âmbito da filosofia socrática, a maiêutica se destaca como uma abordagem pedagógica e dialética, forjada pelo filósofo grego Sócrates. Essa técnica revela-se essencial para compreender como Sócrates conduzia seus diálogos e perscrutava a verdade por meio de questionamentos. A metáfora da parteira na maiêutica sugere que Sócrates, em seus diálogos, desempenha o papel de uma parteira do conhecimento, facilitando o "nascimento" das ideias e conhecimentos latentes no interlocutor. Da mesma forma que uma parteira auxilia no parto de uma criança, Sócrates auxilia na revelação das ideias que jazem na mente de seu interlocutor.

O procedimento maiêutico tem início com Sócrates formulando perguntas simples, frequentemente abordando conceitos éticos, morais ou filosóficos, com o propósito de estimular a reflexão do interlocutor. Em vez de fornecer respostas diretas, Sócrates guia o diálogo por meio de uma série de perguntas e respostas, levando o interlocutor a refletir mais profundamente sobre suas próprias crenças e conhecimentos. A finalidade da maiêutica é fazer com que o interlocutor revele, por meio do diálogo, seu próprio entendimento e, simultaneamente, reconheça a limitação desse entendimento. A ironia socrática é frequentemente empregada por Sócrates, assumindo uma posição aparentemente ignorante, para encorajar o interlocutor a articular e examinar suas próprias convicções.

Ao longo do diálogo, Sócrates busca evidenciar contradições nas ideias do interlocutor, orientando-o na identificação de inconsistências e na revisão de seus próprios conceitos. Esse processo, por vezes desconcertante, visa aprimorar o pensamento crítico do indivíduo, estimulando-o a buscar uma compreensão mais profunda e coerente. A maiêutica socrática destaca-se como uma abordagem colaborativa na busca pela verdade, onde o filósofo age como um facilitador, auxiliando o interlocutor a desenvolver suas próprias ideias. Essa técnica não apenas fomenta o autoconhecimento, mas também incentiva a humildade intelectual ao reconhecer as limitações do entendimento e a disposição para aprimorá-lo de forma contínua. A influência da maiêutica transcende a antiguidade, sendo considerada uma estratégia valiosa para o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão filosófica.

A presença da maiêutica socrática no nosso dia a dia tem implicações significativas em diversas áreas, influenciando não apenas a forma como pensamos, mas também nossas interações e decisões diárias. Algumas maneiras pelas quais essa abordagem filosófica se reflete em nosso cotidiano incluem:

- A prática da maiêutica estimula o hábito de questionar e analisar nossas próprias ideias. Isso se traduz em uma capacidade aprimorada de avaliar informações, tomar decisões fundamentadas e compreender diferentes perspectivas.
- A abordagem socrática favorece o diálogo construtivo, incentivando a expressão clara de pensamentos. Isso contribui para uma comunicação mais eficaz e facilita a compreensão mútua nas interações.
- Seguindo os princípios da maiêutica, somos incentivados a compreender visões diversas, facilitando a resolução pacífica de conflitos. Isso promove empatia e entendimento mútuo nas relações interpessoais.
- A ênfase na autoanálise na maiêutica impacta diretamente o autoconhecimento, conduzindo a um maior desenvolvimento pessoal, consciência de crenças individuais e uma abordagem mais consciente na tomada de decisões.
- Os princípios maiêuticos inspiram métodos de ensino que incentivam a participação ativa dos alunos, promovendo a exploração e construção de conhecimento por meio do questionamento, tanto em sala de aula quanto em ambientes educacionais.
- Ao desafiar constantemente ideias convencionais, a maiêutica estimula o pensamento criativo e a busca por soluções inovadoras. Isso se reflete na resolução de problemas e na busca por abordagens não convencionais.
- A abordagem ética na maiêutica influencia as decisões diárias, incentivando escolhas fundamentadas em princípios éticos. Isso resulta em tomadas de decisão mais éticas e conscientes.

A abordagem maiêutica, apesar de ter origens na filosofia, pode ser benéfica para estudantes de matemática de várias maneiras. Nota-se que assim como na maiêutica, onde o aprendizado é uma jornada colaborativa, os estudantes podem aplicar essa abordagem participativa na matemática. Em vez de receber respostas prontas, eles podem ser incentivados a explorar ativamente os conceitos, experimentar com problemas e desenvolver suas próprias soluções. Ao utilizar a abordagem maiêutica, os estudantes são encorajados a enfrentar desafios e a lidar com a frustração de maneira construtiva. Isso é particularmente útil em matemática, onde a resolução de problemas muitas vezes requer perseverança e criatividade.

Em conclusão, a importância da maiêutica transcende suas raízes na filosofia socrática e se estende para diversas esferas da vida. Ademais, a maiêutica é uma aliada valiosa na busca pela verdade e pela compreensão profunda. Ao desafiar ideias preconcebidas, ela estimula a inovação, o pensamento criativo e a resolução de problemas de maneira original. Essa mentalidade questionadora é crucial em um mundo dinâmico e em constante evolução, onde a adaptabilidade e a criatividade são habilidades essenciais. Em resumo, a maiêutica não é apenas uma técnica filosófica, mas uma

abordagem que potencializa o indivíduo a ser um participante ativo na construção do conhecimento e no aprimoramento pessoal. Sua relevância perdura, destacando-se como uma ferramenta valiosa para promover a autenticidade, o pensamento crítico e a busca contínua pelo entendimento em todas as áreas da vida. Infere-se que a presença da maiêutica no cotidiano se manifesta em uma mentalidade questionadora, melhorias na comunicação, compreensão interpessoal e na busca constante por autoconhecimento e crescimento pessoal. Essa abordagem filosófica oferece uma estrutura valiosa para enfrentar os desafios da vida cotidiana de maneira mais reflexiva e informada.

CAPÍTULO 11 - A MAIÊUTICA E A IRONIA DE SÓCRATES

Ana Maria Santos da Costa

Esse trabalho discute a inserção de uma prática filosófica baseada nos diálogos socráticos, na atualidade em algumas profissões e em sala de aula. O filósofo Sócrates é conhecido como o pai da filosofia, porém não escreveu nenhuma obra. Suas ideias foram divulgadas por seu principal discípulo, Platão, no livro “A República”, considerado sua obra mais importante. Por isso, muitos estudiosos questionam se Sócrates realmente existiu. Criador da ironia socrática e utilizando o tema “Só sei que nada sei”, Sócrates fazia tantas perguntas até Sofistas (grupo de pessoas que pareciam sábias, porque discursavam bem) reconhecerem que não sabiam, assim criando a maiêutica, método que construía o conhecimento através das perguntas.

Em sua juventude Sócrates visitou o oráculo de Delfos, situado no templo dedicado ao deus Apolo, em Atenas. O primeiro impacto do filósofo deu-se com a percepção da frase escrita na entrada do templo: “conhece-te a ti mesmo e conhecerá o mundo e os deuses”. Essa frase foi tomada como lema de vida para Sócrates, que buscou sempre se empenhar no autoconhecimento. O maior choque do filósofo ocorreu, no entanto, no momento da conversa com a sacerdotisa do oráculo. O oráculo teria afirmado ao filósofo que ele seria o homem mais sábio da Grécia.

Teria nascido em Atenas e, de acordo com o Romano Cícero, “fez com que a filosofia descesse dos céus para a terra.” Em outras palavras, ele conduziu a transição do pensamento dos antigos cosmologistas gregos, que viviam refletindo sobre a origem do universo, para preocupações maiores com a ética e a existência humana, adotando o famoso lema: “Conhece-te a ti mesmo.”

O filósofo não deixou nada escrito para a posteridade e quase tudo que se sabe sobre suas ideias e sua personalidade vem das obras de Platão, seu principal discípulo, e do livro *Memorabilia*, do historiador clássico grego Xenofonte. O problema é que esses dois autores eram cerca de 40 anos mais jovens e só testemunharam mesmo a última década da vida do filósofo. A atividade dele consistia em debater temas de filosofia, principalmente noções e conceitos morais. Numa época em que surgiram os primeiros profissionais do saber, que recebiam por seus ensinamentos (os chamados Sofistas), Sócrates discutia livremente com todos os interessados, sem exigir pagamento algum.

Apesar de ter sido descrito por Platão como “o homem mais justo e honrado de sua época”, Sócrates acabou sendo indiciado em 399 A.C. por “impiedade”, ou seja, heresia. A denúncia, provavelmente baseada em uma boa dose de ciúme e inveja intelectual, incluía duas acusações:

“negligenciar a adoração dos deuses cultuados pela cidade” e “corromper os jovens”. O filósofo acabou condenado a cometer suicídio bebendo uma mistura com a erva venenosa cicuta. Uma forma de evitar a execução chegou a ser sugerida, mas Sócrates recusou, alegando que a sentença, embora injusta, havia sido pronunciada por um tribunal legítimo e assim deveria ser cumprida, o que acabou acontecendo em Atenas naquele mesmo ano de 399 A.C.

O método de Sócrates de busca do conhecimento, a dialética socrática pode ser dividida em três momentos:

- a) ironia (exortação);
- b) refutação;
- c) maiêutica.

A ironia assume uma característica formal e também substancial no método socrático. Ela viria a ser o ponto de partida para colocar em prática a metodologia socrática. A ironia seria o jogo brincalhão, múltiplo e variado das ficções e dos estratagemas realizados por Sócrates para levar o interlocutor a dar conta de si mesmo. A refutação teria a função de despertar nos outros a consciência de sua ignorância, ou seja, orientar os caminhos para uma purificação espiritual dos erros e faltas. Ela encaminha o espírito para a descoberta da verdade: somente o espírito purificado e libertado do erro pode realizar uma investigação verdadeira, desenvolvendo corretamente a sua capacidade intrínseca.

A terceira etapa do método socrático é realizada pela Maiêutica ou a arte do parto (do grego *maieutiké*). Em virtude de sua importância capital no método socrático, muitas vezes refere-se a ele apenas como maiêutica. Trata-se de uma reflexão investigante, ou seja, estimula a especulação em vez de oferecer a doutrina. Acredita-se que o interrogado extraia suas respostas e descobertas do interior do seu espírito. Método de perguntas e respostas sucedidas de mais perguntas, utilizado pelo filósofo, é conhecido como a maiêutica socrática. A palavra maiêutica pode ser traduzida como obstetrícia, ou seja, a arte de realizar partos.

No entanto, isso não basta para definir a maiêutica socrática. Diz a história que a mãe de Sócrates era parteira. Assim como sua mãe, Sócrates dizia realizar partos, mas não partos de bebês, e sim de ideias. Sócrates acreditava que ele mesmo não detinha o conhecimento filosófico, mas teria uma habilidade de retirar esse conhecimento das outras pessoas. A maiêutica tornou-se, então, um recurso para o cumprimento da filosofia socrática, baseada na arte do diálogo e na desconstrução dos argumentos. Com a maiêutica, Sócrates buscava alcançar a definição mais precisa dos conceitos, atingindo a verdade.

A Maiêutica é utilizada no Direito. Aborda-se a discussão sobre a aplicação e funcionalidade do método socrático no direito moderno, sendo que a maiêutica tem uma instrumentalidade muito

sensível aos processos criminais e cíveis, devendo ser aplicada de uma maneira muito ética, justa e com equidade. As perguntas devem ser direcionadas para a parte, findando com o antigo “telefone sem fio”, tendo como objetivo demonstrar que o método criado na Grécia Antiga é relevante e muito válido até no direito moderno.

Com as reformas nas leis processuais se tornou indispensável a sua aplicação (lembrando-se que o juiz poderá interceder quando as perguntas forem vexatórias, capciosas ou repetitivas), tendo como hipótese jurídica a criação de fórmula de questionamento altamente eficaz com aplicabilidade no direito em geral. A metodologia aplicada no caso foi a dedutiva e a explicativa para corroborar a importância do método socrático e sua operabilidade com direito moderno, logo, o método socrático sempre foi feita para buscar a verdade filosófica, porém com uma interpretação histórica e teleológica. Podemos ressaltar que o método tem viabilidade jurídica para ser aplicado, devendo apenas respeitar os ditames dos códigos processuais e bom senso.

Contudo, a maiêutica é mais utilizada como ferramenta na educação. A Maiêutica tem inspirado um modelo pedagógico conhecido como socrático, que consiste em uma forma de ensinar os indivíduos a descobrirem as coisas por eles mesmos, através do diálogo. Entre as aplicações desse método, cita-se o trabalho de Lipman, que procura ensinar a criança a pensar, desenvolvendo o cultivo das habilidades de raciocínio, de formação de conceitos e de investigação. Dessa maneira, devem-se trabalhar as principais habilidades cognitivas, tais como argumentar, fazer distinções, classificar, sintetizar e dialogar, capacidades exigidas e úteis a qualquer profissional atualmente. Apesar de não mencionar explicitamente o método socrático, sua filiação não deixa dúvidas.

De acordo com essa opção, acredita-se que, se forem criadas condições para que os estudantes analisem, investiguem e coloquem os seus ideais sob a mira de exames rigorosos, eles descobrem que podem ter uma participação ativa no processo de formação acadêmica. Infelizmente, muitos adultos não tiveram, em sua formação escolar, a oportunidade de desenvolver esse tipo de habilidade.

Nesse trabalho, demos dois exemplos de utilização do método da maiêutica no Direito e em sala de aula, mas o mesmo pode ser utilizado em diversas áreas e profissões, como um delegado em um interrogatório, mediando e direcionando através das respostas. Podemos concluir que um método, utilizado 2300 anos atrás, ainda é tão moderno e, acima de tudo, tão eficaz, e pode ser conhecido atualmente como:

- Técnica de perguntas e respostas;
- Sala de aula invertida.

No âmbito jurídico, demonstra-se que este método tem grande aplicação até mesmo na atualidade, pois é nitidamente uma forma de questionamento de testemunhas no direito contemporâneo. Portanto, tão importante para o ordenamento jurídico, quanto para buscar da verdade real é o questionamento e oitiva de testemunhas no processo brasileiro. Vale ressaltar que inúmeros processos no Brasil resolvem com a prova testemunhal, tendo em vista a grande falha para conseguir-se provas documentais.

Por fim, existem muitos estudos para comprovar a eficácia e as vantagens de se aplicar a maiêutica no ambiente escolar, como forma de contribuição para o desenvolvimento do pensamento reflexivo e outras características desejáveis dos estudantes. Enfim, o que se coloca como questão não é o salto dado pelo aluno no antes ou depois da realização das atividades com a maiêutica, mas o desenvolvimento de um trabalho permanente com a dialética socrática.

CAPÍTULO 12 - O MITO DA CAVERNA

DE PLATÃO

Bruna Muniz de Camargo

Platão foi discípulo do filósofo Sócrates (um grego que proporcionava grande nível de humildade), o primeiro teórico que trazia ideias a respeito do idealismo e um dos mais admiráveis pensadores da Grécia Antiga. Na era antropológica, principiado nos ideais socráticos, Platão se sobressaía por ter disseminado a teoria idealista e, ademais, por ter escrito grande parte das escrituras avaliadas na atualidade a respeito do Sócrates. O mesmo registrou sobre múltiplas temáticas, como afeição, honestidade, entre outros. Dentre esses tópicos, destaca-se o livro *A República* com a história ficcional “Alegoria da Caverna de Platão”.

Um filme que faz alusão a essa descrição é *O Show de Truman*, 1998, do diretor e roteirista australiano Peter Weir. O personagem principal, Truman Burbank, é apresentado como um ser humano comum, deste modo, como todos os outros. Entretanto, Burbank participa de um reality show e, por tal motivação, o mesmo vive desde que nasceu numa cidade inteiramente projetada para ele. Sob esse viés, até suas movimentações eram vigiadas durante todos os dias e transmitidas para o restante da população. Visto isso, é notória a semelhança com o conto descrito no Mito da Caverna escrito pelo filósofo, já que o protagonista, do mesmo modo como os homens da história, fica preso em um mundo totalmente controlado e, por decorrência disso, não tem a oportunidade de enxergar a vida como realmente é. Dessa forma é relevante conhecer mais a fundo a ficção.

O Mito da Caverna de Platão se encontra no Livro VII em *A República*. O livro *A República* foi escrito por volta de **380 a.C.** A obra é racionada em **dez livros** registrados na configuração de conversação em que Sócrates tem lugar de personagem principal. Através desses diálogos, Platão exhibe as suas teses a respeito da questão política e o que o mesmo avalia como justiça, enquanto noção eterna, imutável e pura. A Alegoria da Caverna de Platão é uma história que, apesar de ser antiga, em numerosas ocasiões se apresenta em alto grau de contemporaneidade. A ficção se trata de uma realidade a qual todos os homens habitavam uma caverna desde sua infância e em muitas gerações. Nesse local os mesmos não obtinham a capacidade de movimentação uma vez que haviam correntes que os mantinham imobilizados. Esses indivíduos ficavam virados de costas para a entrada da gruta e havia uma parede onde existia uma exígua fogueira acesa que projetava sombras. Essas sombras projetavam a imagem de fora da caverna, ou seja, homens transportando objetos. Todavia, como havia a parede, eles só tinham acesso às sombras que essas coisas faziam. Essas sombras eram compreendidas pelos prisioneiros como todas as coisas, ou seja, tudo que existia no mundo.

Certa vez, um dos prisioneiros conseguiu se libertar das correntes que aprisionava-o e com muitos empecilhos buscou sair do local, visto que ali existia uma fogueira que, embora fosse pequena, fazia-o muito mal, já que os olhos do tal nunca tinham entrado em contato com a luz e, com isso, foram agredidos. Esse ex-aprisionado quis tomar desistência e voltar ao conforto da caverna que ele já tinha costume, entretanto obteve uma bela visão do mundo fora da gruta. Apresentando respeito aos colegas que permaneceram no local, ele voltou para conta-los tudo que tinha observado. Contudo, esses não quiseram crer e não viram importância nas falas do ex-prisioneiro, continuando assim notando apenas o que era lhe mostrado, sem questionamentos e nem visão crítica sobre o mundo verdadeiro.

Essa teoria pode ser aplicada na atualidade. No contexto atual, essa situação se encontra nas redes sociais, visto que as fake news se espalham de forma abrupta e a todo o tempo. Segundo a CNN Brasil, 4 em cada 10 brasileiros asseguram o recebimento de fake news todos os dias e de acordo com o site de notícias Techtudo, no Brasil especificamente, 44% apontam ter contato com fake news diariamente, ao mesmo tempo que 27% e 13% alegam ser afetados por essa tipologia de temática semanalmente e mensalmente.

Tendo como base esse fator percebe-se que grande parte da população vive no contexto em que o filósofo Platão descreve. Fazendo analogia com tal narrativa, a sociedade se porta como as pessoas que estavam presas na caverna, de modo que, se alguém de fora aparece para contá-las a verdade as mesmas preferem acreditar nas mentiras e, conseqüentemente, continuam a propagar a mentira uns com os outros. Assim como na obra.

Essa obra da República de Platão, com sua Alegoria da Caverna, tem muita popularidade e muitos filósofos já a analisaram. Ela, por sua vez, é uma homenagem de Platão para Sócrates, visto que o tal era o seu mestre e, além disso, em vida o mesmo rebateu os preconceituosos que viviam na época e, por essa motivação, acabou sendo condenado a morrer. Esse acontecimento provocou um extravagante alvoroço nos habitantes da Grécia e deu influência às direções filosóficas e às tradições do ocidente.

Apresento aptidão pela temática e por examinar a mesma. Durante meu Ensino Médio fiz diversos trabalhos, como vídeos e até curtas-metragens, a respeito desse assunto. É uma história de fato muito interessante e muito semelhante a diversas situações que ocorrem na época presente, fator o qual a torna completa e, conseqüentemente, mais compreensível.

Além disso, essa obra tem extrema importância, pois é uma forma de reflexão para notarmos se estamos enxergando o mundo de forma correta ou apenas de forma cômoda, sem questionar e pensar criticamente. O mundo atual está aberto às críticas e noções, devemos utilizar esse benefício para melhorar cada vez mais o ambiente o qual habitamos, mas infelizmente, como na Alegoria de Platão, muitos não usufruem de tal benefício.

As sombras representam os aspectos, tudo o que é mentiroso ou que são falsificações do que é verdadeiro no planeta das aparências, o qual a população está habituada a existir. Dessa forma seguindo a exemplificação do ex-prisioneiro a sociedade deve afrontar seus costumes e tradições cotidianas e se desprender das correntes buscando a verdade. A fuga da gruta simula a complexa missão daquele que desfaz das crendices e procura a informação, essa ação deve ser reproduzida por cada um de nós.

CAPÍTULO 13 - DE PLATÃO A HIDETAKA MIYAZAKI: A ALEGORIA DA CAVERNA E SUA CONEXÃO COM DARK SOULS

Marcus Paulo Pacheco Silva

A saga de jogos Dark Souls, concebida pelo visionário desenvolvedor Hidetaka Miyazaki, é conhecida por sua narrativa envolvente e desafiadora, que transporta os jogadores para um universo sombrio e misterioso. Neste texto, investigaremos a relação entre a envolvente narrativa dos jogos e a profunda Alegoria da Caverna de Platão, analisando como os elementos narrativos, filosóficos e existenciais de Dark Souls ecoam as reflexões do filósofo grego sobre a natureza da realidade e a busca pela verdade.

A Alegoria da Caverna de Platão não apenas oferece uma narrativa intrigante, mas também estabelece as bases para uma reflexão complexa sobre a natureza da realidade e a jornada do conhecimento, explorando a transformação potencial de um indivíduo que busca a verdade. A Alegoria avança para além das sombras projetadas, introduzindo a ideia de um mundo externo e de uma jornada em direção à luz, representando a compreensão mais elevada e a verdadeira realidade.

O primeiro título, “Dark Souls”, lançado em 2011, introduziu os jogadores a um mundo interconectado e misterioso, repleto de inimigos implacáveis e chefes desafiadores. A ênfase na exploração, descoberta e aprendizado constante faz com que os jogadores se envolvam profundamente na trama, enquanto enfrentam a constante ameaça de morte em um ambiente hostil. O jogo começa em Lordran, um reino mergulhado em trevas e repleto de perigos inimagináveis. O jogador assume o papel do “Chosen Undead”, o Morto-vivo Escolhido, destinado a enfrentar uma busca épica para reacender as chamas do fogo, enquanto enfrenta criaturas aterrorizantes e chefes colossais.

Ao começar sua jornada em Lordran, o Escolhido se encontra em uma cela sombria e fúnebre, contendo apenas um buraco no teto, criando um jogo de sombras sendo projetadas pela luz forte do exterior, que serve como o prólogo para os desafios que aguardam. Este asilo, lar de almas perdidas e criaturas abomináveis, estabelece imediatamente o tom implacável do jogo que se conecta com o início da Alegoria da Caverna, onde Platão nos convida a imaginar seres humanos que vivem desde sempre acorrentados no interior de uma caverna escura. Essas correntes impedem que os prisioneiros movam suas cabeças, forçando-os a olhar apenas para a parede oposta da caverna, onde uma única fonte de luz ilumina e projeta as sombras na parede à sua frente.

Ao escapar da cela, o Escolhido se depara com um corredor desolado e mal iluminado, com gritos distantes e gemidos ecoando nas sombras, sugerindo perigos invisíveis ao redor de cada esquina. Assim como na Alegoria, os objetos projetados são sombras de figuras e aspectos que passam entre a fonte de luz e os prisioneiros, e eles, sem nunca terem visto a luz do mundo exterior, acreditam que essas sombras são a única realidade existente. Para eles, as sombras tornam-se o referencial do que é real. À medida que o Escolhido explora os corredores do asilo, ele se depara com vestígios de um mundo quebrado e cheio de mistério.

Antes de sair do asilo e finalmente ter sua liberdade concebida, o Escolhido é obrigado a derrotar um inimigo conhecido como “Demônio do Asilo”, que em relação a Alegoria, seria visto como a luz intensa do exterior, que cega o prisioneiro e o força a se adaptar e aceitar a realidade fora da caverna. Somente depois de conquistar a forte luz, ou o “Demônio”, o prisioneiro seria capaz de sair da caverna para encontrar a sua nova vida, percebendo que o mundo é muito mais amplo e complexo do que as sombras projetadas na parede. Ao emergir das profundezas sombrias do Asilo, o Escolhido se encontra diante do majestoso Santuário do Enlace de Fogo, um refúgio em meio ao desespero, onde múltiplos mortos-vivos residem. Como os prisioneiros da caverna, esses mortos-vivos estão presos a forma de pensamento apresentada por seu local de origem, com medo de qualquer forma de mudança, mesmo que a mesma seja para o melhor.

Passando por uma transformação de sua compreensão da realidade, o prisioneiro percebe que as sombras na parede não eram a verdadeira essência das coisas, mas apenas uma representação distorcida da realidade. Ao compreender o mundo exterior, ele sente a responsabilidade de retornar à caverna e compartilhar sua descoberta com os outros prisioneiros, assim como o Escolhido buscar ajudar os seus companheiros a criar um novo mundo. Ao tentar comunicar sua experiência, o prisioneiro libertado encontra resistência e incredulidade por parte dos que permanecem na escuridão da caverna. Eles estão tão entranhados em suas crenças nas sombras que rejeitam a ideia de uma realidade além do que sempre conheceram. No mundo de Dark Souls, os mortos-vivos condenados olham para as ações do Escolhido como um grande erro, e em sua hesitação, os mesmos acabam se perdendo, sucumbindo a loucura projetada pelas sombras, em um ciclo eterno que só terá fim quando eles decidirem ser os próprios criadores da transformação em suas vidas.

Ao unir a filosófica Alegoria da Caverna de Platão com a narrativa de Dark Souls, se tornam aparente as reflexões sobre a natureza da realidade, a busca pelo conhecimento, a jornada do autoconhecimento e como um único indivíduo não é capaz de mudar as circunstâncias de um coletivo que não busca cooperação. Essa conexão entre a obra clássica de Platão e a moderna expressão artística dos jogos destaca a atemporalidade e a universalidade dos questionamentos sobre a verdade e a percepção.

Ao reacender as chamas ou optar por buscar um novo caminho, o Escolhido molda o destino de Lordran. O ciclo interminável de luz e escuridão, de ascensão e queda, continua a pulsar, ecoando a natureza implacável do mundo criado por Hidetaka Miyazaki. A única maneira de realmente mudar o mundo surge com a cooperação com os personagens, escutando suas histórias e percebendo que a maneira que todos aprendem a viver é, na verdade, uma mentira. Apenas com o trabalho coletivo, e mentes abertas, que o prisioneiro e o Escolhido poderiam mudar seus respectivos mundos.

CAPÍTULO 14 - SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES: AS TRÊS VOZES FILOSÓFICAS NA EDUCAÇÃO ANTIGA ECOANDO NAS HISTÓRIAS ATUAIS

Wendel Pereira de Andrade

A antiguidade grega foi testemunha de uma tríade filosófica única, cujas vozes ressoam até os dias de hoje: Sócrates, Platão e Aristóteles. Cada um desses filósofos deixou uma marca indelével no campo da educação, oferecendo perspectivas distintas que continuam a influenciar a pedagogia contemporânea. Este artigo propõe a explorar a contribuição singular de Sócrates, a utopia educacional de Platão e a abordagem pragmática de Aristóteles, revelando suas ressonâncias ao longo do tempo.

1. A Maiêutica Socrática: A voz inquisitiva de Sócrates, imortalizada nos diálogos platônicos, deu origem à maiêutica. Esta técnica de questionamento, que pode ser considerada uma espécie de arte educacional, buscava extrair o conhecimento inato presente nos indivíduos. Sócrates não apenas ensinava; ele instiga seus interlocutores a explorarem suas próprias ideias. A ironia socrática, embebida nesse método, desafiava preconceitos e abria espaço para o verdadeiro diálogo. A técnica da maiêutica, concebida por Sócrates, transcendeu os limites do pensamento filosófico e encontrou expressão em diversas formas artísticas, como literatura e cinema. Ao explorarmos essa rica tradição, podemos perceber ressonâncias socráticas em narrativas que desafiam e estimulam o pensamento, tal como o mestre grego fazia em seus diálogos. A maiêutica socrática levar uma pessoa, a pensar por seu próprio raciocínio, ao conhecimento ou à solução de sua dúvida

Filme: "Matrix" (1999): A saga "Matrix" proporciona uma narrativa cinematográfica que utiliza da maiêutica socrática. Assim como Sócrates questionava a realidade e incentivava a autorreflexão, o personagem Neo, interpretado por Keanu Reeves, é conduzido a questionar a natureza da realidade ao seu redor. O filme desafia as percepções convencionais e instiga os espectadores a explorarem as camadas mais profundas de sua própria compreensão.

Livro: "Crime e Castigo" (1866) - Fiódor Dostoiévski: Dentro do universo literário, encontramos vestígios claros da influência socrática em obras como "Crime e Castigo". O protagonista, Raskólnikov, embarca em uma jornada existencial e moral, confrontando suas próprias convicções e a sociedade à sua volta. A técnica de questionamento constante utilizada por Sócrates para explorar a moralidade e a ética ressoa na angústia e autorreflexão do personagem de Dostoiévski.

Filme: "Clube da Luta" (1999): Outro exemplo cinematográfico é "Clube da Luta". Este filme, dirigido por David Fincher e baseado no livro homônimo de Chuck Palahniuk, apresenta uma narrativa que desafia as convenções sociais e incita os personagens - e, por extensão, os espectadores - a questionarem a própria existência e os valores estabelecidos. A influência socrática é perceptível na desconstrução das certezas, à medida que os protagonistas buscam significado em meio ao caos.

Livro: "O Apanhador no Campo de Centeio" (1951) - J.D. Salinger: J.D. Salinger, em "O Apanhador no Campo de Centeio", oferece uma narrativa literária profundamente enraizada na reflexão existencial, remanescente da maiêutica socrática. O protagonista, Holden Caulfield, questiona incessantemente as normas sociais, buscando compreender o propósito e a autenticidade em um mundo que lhe parece inautêntico. Essa abordagem de questionamento profundo reflete a influência do método socrático na construção do enredo.

2. A Utopia Educacional de Platão: Platão, discípulo e registrador atento das reflexões socráticas, deu vida a uma utopia educacional em "A República". Sua visão de uma sociedade estratificada, onde a educação molda não apenas a mente, mas o caráter dos cidadãos, destaca-se como uma obra-prima do pensamento utópico. Platão postula que a virtude, a música, a matemática e a filosofia devem ser os alicerces da educação, criando um ambiente propício para a formação de cidadãos virtuosos. A visão utópica de Platão, delineada em "A República", transcende as páginas filosóficas e encontra reflexos em narrativas literárias e cinematográficas. Ao mergulharmos nesse universo de sociedades idealizadas, percebemos como a proposta educacional de Platão ecoa em obras que exploram, cada uma à sua maneira, os alicerces da virtude e da formação integral. A Academia objetivava formar novos homens, no sentido transformador do amor ao bem, num ato de sublimação, visando tornar-se virtuoso pela ação.

Livro: "Admirável Mundo Novo" (1932) - Aldous Huxley. Aldous Huxley, em "Admirável Mundo Novo", apresenta uma sociedade futurista onde a educação é estratificada para moldar os cidadãos conforme a ideologia dominante. Assim como Platão, Huxley propõe uma utopia educacional que busca controlar não apenas a mente, mas também as emoções e os valores dos indivíduos. A educação é projetada para manter a estabilidade social, estabelecendo um paralelo com a visão de Platão sobre a formação de cidadãos virtuosos em sua República ideal.

Filme: "O Show de Truman" (1998). "O Show de Truman", dirigido por Peter Weir, oferece uma abordagem cinematográfica única para a reflexão sobre a formação da identidade e a manipulação da realidade. O protagonista Truman Burbank é criado em um ambiente controlado, onde sua educação é direcionada para manter uma realidade pré-fabricada. Este filme levanta questões sobre a natureza da liberdade, do conhecimento e do propósito de uma educação que molda a percepção da realidade, evocando o tema central da utopia educacional de Platão.

Filme: "Elysium" (2013). "Elysium", dirigido por Neill Blomkamp, oferece uma visão distópica de uma sociedade dividida entre classes sociais, remanescente das ideias de estratificação de Platão. O acesso privilegiado à educação e recursos essenciais está reservado a uma elite, enquanto a maioria enfrenta condições desfavoráveis. O filme levanta questionamentos sobre equidade, justiça e o papel da educação na perpetuação das desigualdades sociais, reflexões que ecoam as preocupações filosóficas de Platão.

3. A Abordagem Pragmática de Aristóteles: Aristóteles, por sua vez, traz uma abordagem pragmática e integral à educação. Contrapondo-se à utopia de Platão, Aristóteles reconhece a diversidade de talentos e habilidades entre os indivíduos. Sua ética enfatiza a formação do caráter através de hábitos virtuosos, e sua visão da educação se estende além das paredes da academia, abraçando a educação formal, a prática e a interação social como componentes essenciais. A perspectiva pragmática e integral de Aristóteles sobre a educação, com sua ênfase na diversidade, ética e envolvimento prático, encontra eco em diversas obras literárias e cinematográficas. Ao examinarmos essas expressões artísticas, podemos vislumbrar como os princípios aristotélicos continuam a influenciar narrativas contemporâneas.

Filme: "Whiplash" (2014). "Whiplash", dirigido por Damien Chazelle, oferece um olhar penetrante sobre a busca pela excelência na música. O filme destaca a relação entre um ambicioso estudante de bateria e um instrutor rigoroso. A abordagem de Aristóteles, que reconhece a prática e a interação social como elementos cruciais na formação do caráter, ressoa na narrativa, onde a busca pela virtude e excelência é conduzida através da disciplina, prática constante e interações desafiadoras.

Livro: "A Insustentável Leveza do Ser" (1984) - Milan Kundera. Em "A Insustentável Leveza do Ser", Milan Kundera explora as complexidades dos relacionamentos e a busca por significado na existência humana. A trama entrelaça as vidas de diferentes personagens, oferecendo uma visão multifacetada da natureza humana. Essa abordagem integral reflete a compreensão aristotélica de que a educação não pode ser divorciada da vida prática e social, mas deve abranger todas as facetas da experiência humana.

Filme: "Sociedade dos Poetas Mortos" (1989). Este filme dirigido por Peter Weir destaca a influência transformadora de um professor de literatura em um grupo de estudantes de uma escola conservadora. "Sociedade dos Poetas Mortos" aborda temas como individualidade, expressão pessoal e a busca pela autenticidade. Esses elementos refletem a visão de Aristóteles sobre a educação como um meio de desenvolver a virtude e o caráter, não apenas através do conhecimento teórico, mas também da aplicação prática na vida diária.

O diálogo emerge como um elemento unificador nas abordagens educacionais desses filósofos. Sócrates, com sua maiêutica, Platão, através dos diálogos socráticos, e Aristóteles, enfatizando a interação entre educadores e alunos, todos reconheciam a importância do diálogo na busca do conhecimento e no desenvolvimento moral. O diálogo não é apenas uma ferramenta pedagógica; é o tecido cultural que conecta as três vozes.

A síntese dessas abordagens resulta em um rico panorama educacional. A busca pela verdade, a formação moral, a virtude coletiva e a adaptação educacional tornam-se elementos intrínsecos dessa sinfonia filosófica. O impacto duradouro dessa tríade é evidente na persistência dessas ideias na pedagogia contemporânea, onde o diálogo, a formação do caráter e a busca constante pelo conhecimento continuam a ser valores fundamentais.

Em conclusão, Sócrates, Platão e Aristóteles, juntos, formam um triunvirato filosófico cujas vozes ressoam através do tempo. A maiêutica socrática inspira questionamento crítico, a utopia platônica aspira à virtude coletiva, e a abordagem integral aristotélica abraça a complexidade humana. Nesse diálogo eterno entre passado e presente, as vozes desses filósofos continuam a nos guiar na busca pela verdade, pela virtude e pela compreensão integral do processo educacional, um legado que transcende as eras e permanece, inegavelmente, relevante.

CAPÍTULO 15 - AS QUATRO CAUSAS DE ARISTÓTELES

E FULLMETAL ALCHEMIST

Daniel Barcellos Neto Silva

O pensamento de Aristóteles com a Teoria das Quatro Causas estudada na disciplina de Filosofia da Educação se alinha a um tema abordado em outra disciplina sobre a filosofia da ciência, chamada Introdução ao Pensamento Biológico, sendo este tema o de Ceticismo Racional, trabalhado no livro de Richard Lewontin. A construção do método científico falha, na maioria de suas elaborações, em levar em consideração o social, colocando a ciência em um pedestal inalcançável ao cidadão não-letrado cientificamente, deslocando seu lugar no corpo social para um local de passividade, muitas das vezes. A ciência moderna alterou a sua forma de constituição ao decorrer do tempo histórico, após as formulações propostas por Aristóteles há séculos atrás, apesar de ainda ter íntimas relações com algumas de suas postulações na Teoria das Quatro Causas, como a causa eficiente.

Para relacionar ambos os temas, ainda que evidentemente possuam simetria, utilizo de um recurso pedagógico da comparação com o anime “Fullmetal Alchemist: Brotherhood” para construir uma linha de raciocínio sobre cientificismo e tecnocracia. É de extrema urgência o assunto de cientificismo, o pensamento de crença ilimitada na ciência, pois este é amplamente influenciado por “cientistas institucionalistas” que segregam as lutas sociais da ciência, colocando-a em um patamar acima, exceto quando ocorre intrusões de políticos, de acordo com LEWONTIN (1996). Para OYĚWŪMÍ (1997), separar a ciência do social é impossível, pois estes se retroalimentam.

Entretanto, é possível mascarar a presença do social colocando-as em uma hierarquia onde a similaridade da ciência com uma religião é facilmente difundida na sociedade, favorecendo a sua posição de superioridade. Desta maneira, é de exímia iminência resgatar a ciência como uma ação social, afetada e atravessada por essas demandas que o indivíduo traz consigo, ainda que esta demanda não seja uma realidade da organização social, para que o erro de colocar na ciência toda a crença de soluções para problemas do presente no futuro, não aconteça de forma inconsequente novamente.

Na aula realizada no dia 18 de Setembro de 2023 na UERJ-FFP, foi trabalhado em sala sobre Aristóteles, abordando a Teoria das Quatro Causas, sendo elas: formal, material, eficiente e final. Essas causas possuem perguntas que são, respectivamente, “o que é?”, “de que é feito?”, “o que originou?” e “para que é isso?”. Segundo Aristóteles, o conhecimento dessas causas é fundamental para entender e explicar os fenômenos do mundo, e estes eram baseados na especulação e lógica.

No entanto, a ciência moderna acrescenta mais uma pergunta, o “como é?” e trabalha com o empirismo e experimentação, na maioria das vezes. Ainda que a ciência moderna priorize e seja organizada em empiria e experimentação, a existência das outras causas propostas por Aristóteles no passado não é negada por ela, apenas não é considerada relevante na perspectiva do empirismo, ou seja, do que é documentado de maneira sensorial pelo pesquisador.

Outro ponto importante para caracterizar uma diferença evidente entre a ciência moderna e o pensamento de Aristóteles na Teoria das Quatro Causas está na causa número 4, a causa final. A teleologia é o estudo de finalidades, no entanto, na Biologia, não existe finalidade quando pensamos em evolução, por exemplo. A evolução e a seleção natural são eventos que ocorrem sem finalidade alguma, eles simplesmente acontecem. Porém, a ciência moderna em sua essência considera inerentemente a causa eficiente, que busca compreender o “o que originou” tal evento, ação, etc.

É possível notar que, de certa forma, o pensamento de Aristóteles foi precursor da formulação do que é a ciência moderna conhecida nos dias de hoje, ainda que alguns métodos científicos sejam baseados no indutivismo e dedutivismo, estes bebendo de fontes mais diretas da especulação e lógica. Segundo CHALMERS (1993), “argumentos lógicos válidos caracterizam-se pelo fato de que, se a premissa do argumento é verdadeira, então a conclusão deve ser verdadeira”, sendo este o pressuposto da utilização da lógica nesses dois métodos científicos citados anteriormente, como também foi organizado por Aristóteles no passado.

Durante essa aula mencionada anteriormente, me lembrei de uma disciplina de cunho obrigatório do curso em que sou inscrito chamada “Introdução ao Pensamento Biológico”. Quando estava frequentando essas aulas, abordamos o tema Ceticismo Racional, trabalhado a partir de um referencial teórico chamado Lewontin, utilizando seu livro “Biologia Como Ideologia”. Com esse tema, foi abordado como o conhecimento científico é um fator determinante para manipulação, pois, segundo LEWONTIN (1996), se a ciência não for uma ação social, ela é uma instituição detentora, dentre outros fatores, de uma linguagem esotérica com potencial religioso, já que esta possui características tais como ser apolítica, objetiva e eternamente verdadeira.

O cuidado para com o cientificismo e tecnocracia são motores na luta contra o absolutismo da ciência que assombra a sociedade. O entendimento de que a ciência é essencial para a vida humana é incontestável e irrefutável, mas há um perigo pairando sob esse saber, uma vez que essa linguagem esotérica possuída pela ciência, faz emergir uma dependência social para explicar o mundo a partir das palavras de um cientista. A ciência não pode estar acima das lutas sociais, pois isto levaria a uma legitimação irracional de toda e qualquer palavra afirmada em nome da ciência. Por estas razões, é necessário desenvolver um ceticismo racional.

Essa aula mudou minha perspectiva de entendimento do que é a ciência e da necessidade de elaborar um olhar crítico quando penso nas epistemologias, métodos científicos e principalmente na

informação difundida por “cientistas institucionais”. Conhecer o surgimento dos precursores da ciência moderna foi fundamental para aprimorar meus fundamentos sobre a formulação crítica no que diz respeito à ciência como um todo. Sendo assim, considero importante contextualizar historicamente a construção desse processo que é a ciência de forma democrática.

No episódio 1, da primeira temporada do anime “Fullmetal Alchemist: Brotherhood” (2009), os irmãos Alphonse e Edward Elric tentam reviver sua mãe, que morreu por ausência de atendimento médico em uma área rural, através da utilização da alquimia. Nessa animação, o poder da alquimia é composto por compreensão, decomposição e recomposição da matéria. Dessa forma, eles precisam compreender do que é feita a matéria, decompor essa matéria e reconstruí-la de outra forma. Assim, compreendendo a composição do corpo humano por 35 litros de água, 25 kg de carbono, 4 litros de amônia, 1,5 kg de óxido de cálcio, 800 g de fósforo, 250 g de sal, 100 g de salitre, 80 g de enxofre, 25 g de flúor, 3 g de ferro, 3 g de silicone e mais outros componentes, eles tentam reviver sua mãe.

Obviamente, deu errado, pois esta “ciência” trazida no anime e que também realmente existiu, não constitui a totalidade que é um organismo vivo, especialmente um animal complexo como é o ser humano com intrínsecas e intensas capacidades sociais, além de vivências e outras dimensões como religião, contexto histórico, sentimentos, construção, etc, para simplesmente refazer alguém a partir da sua composição biológica. Fullmetal Alchemist: Brotherhood possui um grande potencial como recurso pedagógico em aulas de Biologia, por exemplo, para demonstrar as limitações da ciência, com objetivo de superar o cientificismo e a tecnocracia. Além disso, complementa o pensamento trabalhado previamente nesta resenha sobre Aristóteles e a Teoria das Quatro Causas, pois o processo cognitivo relacionado à compreensão é similar às causas formal, final e material.

A utilização dos conhecimentos da filosofia da educação associados ao surgimento da ciência como foi apresentado em sala é de extrema importância para formar um professor e cidadão crítico no seu olhar para a compreensão do mundo e da educação que está inserida nele. Acredito numa educação transformadora, progressista e com interações da Ciência, Tecnologia e Sociedade para que estes cidadãos formados possam transicionar o mundo, como dito por PAGAN (2020). Um aprofundamento no aspecto do ceticismo racional é essencial para uma disciplina que une todos os cursos em uma única classe, uma vez que nem todos possuem a oportunidade de trabalhar esse tema, pois, conforme LEWONTIN(1996), é preciso ressaltar que o ceticismo racional pode levar à ação, mas o cinismo leva apenas à passividade.

CAPÍTULO 16 - COMO DEBATES FILOSÓFICOS SE PERPETUAM NAS NARRATIVAS

Vinicius Sedano das Neves Ferreira

Nesse texto, buscaremos explorar a dualidade da natureza humana na literatura moderna. A questão fundamental sobre se o homem é, por natureza, inclinado à maldade ou se essa propensão é moldada por fatores externos tem sido um dilema filosófico recorrente ao longo da história. Este trabalho propõe-se a mergulhar nessa indagação por meio da análise de personagens emblemáticos, como Makima de “Chainsaw Man”, e do filme clássico “Laranja Mecânica”. Através dessas obras, busco compreender como a literatura moderna explora a interação entre a natureza humana e os contextos socioculturais, desafiando concepções simplistas e delineando nuances mais profundas da condição humana.

Ao examinar as ações ambíguas de Makima, a personagem intrigante de “Chainsaw Man”, e os conflitos morais de Alex, protagonista de “Laranja Mecânica”, será possível iluminar as diversas facetas da moralidade e questionar se a maldade é inata ou se é uma resposta a influências externas. Esses personagens servirão como lentes através das quais exploraremos a complexidade da natureza humana. Além disso, este trabalho não se limitará a uma análise isolada desses personagens, mas buscará compreender como a filosofia subjacente a suas narrativas persiste e evolui na literatura moderna. Examinaremos como autores contemporâneos abordam a dualidade moral, desafiando convenções e oferecendo novas perspectivas sobre a interseção entre a maldade inata e a influência da sociedade.

Dessa forma, este estudo visa não apenas aprofundar a compreensão dessas obras específicas, mas também a destacar a relevância contínua dessas reflexões na literatura moderna. Ao explorar as complexidades da natureza humana, pretendemos contribuir para uma análise mais profunda das narrativas contemporâneas e suas representações da condição humana em toda a sua riqueza e ambiguidade.

Exploração da dualidade em “Chainsaw Man”: Makima, como personagem central em “Chainsaw Man”, é uma representação intrigante da dualidade da natureza humana. Suas ações manipuladoras e aparentemente cruéis inicialmente sugerem uma visão sombria da humanidade. Contudo, ao desenvolver sua história e motivações, se torna evidente que Makima é moldada por experiências passadas e um desejo compulsivo por poder. Isso desafia a concepção simplista de uma

predisposição inata para o mal, indicando que até mesmo personagens aparentemente malévolos podem ser motivados por uma interação complexa de fatores. A narrativa de “Chainsaw Man” oferece uma perspectiva mais ampla sobre a natureza humana ao apresentar personagens secundários cujas escolhas morais também são influenciadas por suas circunstâncias. A exploração dessas complexidades humanas contribui para a desconstrução da ideia de uma moralidade inata e destaca como fatores externos podem moldar as escolhas e ações dos personagens.

Reflexões sobre “Laranja Mecânica”: O filme “Laranja Mecânica” aprofunda a discussão ao explorar as tendências violentas de Alex e a resposta da sociedade a esses comportamentos. A obra de Stanley Kubrick destaca a influência da cultura e do ambiente na formação do caráter, sugerindo que a maldade pode ser um produto da manipulação sociocultural. A técnica de condicionamento utilizada em Alex questiona a liberdade de escolha individual, colocando em dúvida se a inclinação para o mal é intrínseca ou se pode ser fabricada pela sociedade. A abordagem filosófica presente em “Laranja Mecânica” ressoa na literatura moderna, onde autores continuam a explorar a fragilidade da moralidade e as ramificações do ambiente na formação do caráter. A narrativa de Alex e suas experiências provocam uma reflexão sobre a responsabilidade da sociedade na criação de indivíduos moralmente ambíguos, desafiando ideias preconcebidas sobre a natureza humana.

Persistência da Filosofia na literatura moderna: A filosofia presente nas obras como “Chainsaw Man” e “Laranja Mecânica” continua a influenciar a literatura contemporânea. Autores modernos, ao criar personagens moralmente ambíguos e enredos complexos, mantêm viva a discussão sobre a dualidade humana. Narrativas que desafiam a dicotomia do bem e do mal, explorando nuances éticas, refletem a compreensão evoluída da natureza humana na literatura atual.

Conclusivamente, a análise de Makima e Alex destaca a interação entre a natureza humana e as influências externas. A literatura moderna, ao abraçar essa complexidade, enriquece as narrativas contemporâneas e incita os leitores a contemplar as diversas faces da condição humana em toda a sua ambiguidade e riqueza.

Ao explorar a dualidade da natureza humana por meio das obras “Chainsaw Man” e “Laranja Mecânica”, emerge uma complexa sequência de reflexões que transcende as páginas e telas. A questão fundamental sobre se o homem é inerentemente mau é abordada com profundidade, desafiando noções simplistas e apontando para uma compreensão mais aprofundada da condição humana.

A análise de Makima em “Chainsaw Man” revela que até personagens aparentemente malévolos carregam consigo camadas de vulnerabilidade e motivações complexas. Sua trajetória sugere que a maldade não é uma qualidade intrínseca, mas sim um produto da interação entre

experiências passadas, desejos individuais e as circunstâncias do ambiente. Em paralelo, “Laranja Mecânica” desafia as noções de liberdade de escolha e maldade inata ao apresentar um protagonista cujas inclinações violentas são manipuladas pela sociedade. O filme instiga uma profunda reflexão sobre a responsabilidade cultural na formação do caráter, desmantelando a ideia de que a maldade é uma característica inerente.

A influência dessas obras transcende seus contextos específicos, persistindo na literatura moderna. Autores contemporâneos continuam a explorar a dualidade moral, criando personagens e enredos que desafiam as convenções tradicionais. A narrativa moderna é enriquecida pela representação de nuances éticas, destacando a complexidade intrínseca à natureza humana.

Em suma, a análise de Makima, Alex e personagens semelhantes proporciona uma compreensão mais aprofundada da condição humana, sugerindo que a maldade não é uma entidade fixa, mas sim uma manifestação fluida moldada por influências variadas. A literatura moderna, ao continuar essa exploração, convida os leitores a contemplar a riqueza e a ambiguidade das experiências humanas, perpetuando assim uma discussão filosófica que permanece tão relevante hoje quanto ao longo da história.

CAPÍTULO 17 - HELENISMO: COMPLETA MUDANÇA CULTURAL, SOCIAL E POLÍTICA NA GRÉCIA

Tábata Noveli da Costa

O Hellenismo, que compreende os acontecimentos de 323 a.C. a 146 a.C., após à morte de Alexandre, o Grande, foi um período de intensas mudanças no que hoje se entende como Grécia e seus anexos da época, indo do Mar Mediterrâneo até a Ásia Central. Esse intervalo de tempo foi caracterizado por uma série de transformações culturais, políticas e sociais que moldaram significativamente o mundo antigo, com a cultura grega se expandindo e sendo anexada com culturas orientais, a macedônica, por exemplo, e também a disseminação da Koiné, língua grega, que tornou-se o idioma oficial dos Reinos Helenísticos. Pode-se caracterizar também por apresentarem uma nova forma de governo, nova visão sobre relações interpessoais, e avanços na ciência e em campos como filosofia, arte e *et cetera*.

Para contextualizar o Hellenismo, deve-se entender a sua origem e causas que levaram a sua criação. A região que hoje compreende-se como Grécia Antiga, ganhou esse nome devido ao povo *Hélade*, que habitavam a região em que o grego era falado e a mitologia grega praticada.

No fim do período Clássico, a Grécia passa por várias instabilidades devido às guerras incessantes, sendo duas muito famosas a do Peloponeso e Guerras Médicas. E, enquanto a Grécia se enfraquecia com suas guerras internas e a guerra contra a Pérsia, o Império Macedônio se fortificava e se expandia. Alexandre Magno, conhecido como “o Grande”, era um expansionista, sendo um desses territórios anexados a Grécia. O Egito também fora anexado, onde fora construído a cidade de Alexandria, para muitos essa sendo o berço da erudição, devido a sua vasta coleção de livros e documentos da Antiguidade. Ali, vários pensadores importantes da época estudaram e se aperfeiçoaram. Por ter sido tutorado por Aristóteles, importante filósofo grego, sendo muito próximo deste, Alexandre, o Grande tinha grande apreço pela cultura grega. Após a morte de Alexandre, aos 32 anos, na Babilônia, cidade que pretendia dominar e estabelecer como sua capital, seu império foi dividido entre seus generais, que se tornaram conhecidos como os Diádocos, dando início ao período dos Reinos Helenísticos, uma nova forma de governar a Grécia.

Os Reinos Helenísticos surgiram como resultado das lutas sangrentas entre os generais de Alexandre pela supremacia e controle das terras conquistadas. Os reinos foram divididos conforme a região, sendo eles: o Ptolemaico, no Egito, sob o controle de Ptolemeu, que transformou o Egito em um dos centros mais poderosos culturalmente ricos do período. A dinastia Ptolomaica permaneceu

no Egito por séculos, mesmo após a tomada do Egito pelos romanos em 30 a.C.; o Selêucida na Ásia, sob o comando de Seleuco. Esse Império abrangia partes da Ásia Menor, Pérsia, Mesopotâmia e até mesmo o subcontinente indiano, logo, era rico em diversidade cultural; o Épiro, governado pela dinastia Molossiana, abrangia a região do Épiro, no noroeste da Grécia; e por fim, o mais importante dos reinos, o Reino Antigônida, que compreendia a Macedônia e a Grécia, principais regiões do helenismo.

O período helenístico durou até a ascensão do Império Romano, esse que só crescia, que gradualmente absorveu os territórios helenísticos no final do século II a.C. e finalmente se encerrou quando os romanos anexaram o território grego ao seu império, em 146 a.C. Dando-se assim fim ao maior império da História Antiga. A influência do período helenístico foi tão grande que mesmo após a queda do Império a cultura continuou predominando nas regiões conquistadas.

A cultura helenística, a grosso modo, nada mais é que a mistura da cultura grega com as culturas orientais, sendo alguns exemplos a macedônica, egípcia, síria e persa, por isso se difere tanto da cultura Antiga. Os macedônios, esses que sempre preservaram e valorizaram o conhecimento, tinham essa característica de, ao invés de apagarem culturas dominadas, as enriquecia com a sua própria e com outras culturas de outros territórios conquistados.

Um aspecto muito importante para enfatizar a diversidade cultural do período helenístico, é a posição das mulheres nos diferentes Reinos Helenísticos. Enquanto no reino que compreendia o Egito as mulheres possuíam propriedades, tinham fonte independente de renda e firmavam contratos, no reino da Grécia a mulher vivia uma condição legal limitada e sem direitos políticos, deveria ter um guardião para resolver quaisquer assuntos relacionados a seu nome e bens, apesar do guardião ser apenas uma formalidade e “assinar embaixo” tudo que a mulher grega decidisse.

Algumas mulheres helenísticas alcançaram destaque como filósofas, escritoras e patronas das artes, no entanto, seus papéis ainda eram frequentemente limitados pelos padrões sociais da época. Muitas mulheres trabalhavam em atividades agrícolas, artesanato ou serviços domésticos, já que a escravidão era uma prática comum na sociedade helenística. Mulheres poderiam desempenhar papéis importantes em rituais religiosos e cultos, e, em algumas regiões, sacerdotisas tinham liderança nos templos. Isso tudo, claro, dependia da posição social e região de cada uma.

A arte do período Helenístico se destaca por suas pinturas e esculturas, que retratavam a perfeição dos corpos, sua natureza e seu movimento. Os helenos desenvolveram um tipo de arte em que realçava o realismo nas pinturas e esculturas. A arquitetura e esculturas estavam muito ligadas com o religioso, por conta do seu uso na construção de templos, e as figuras quase sempre representavam divindades. Uma escultura muito famosa foi a Vênus de Milo, e a arquitetura herdou do ocidente o arco e a abóbada nos templos e edifícios.

A literatura também se ampliou muito nessa época. Como já citado, os macedônios tinham muito apreço pela erudição, valorizavam muito os livros, vê-se, por exemplo, a Biblioteca de Alexandria, a qual foi o centro intelectual e de produção de conhecimento da Antiguidade. Estima-se que a localidade abrigou entre 30 mil a 600 mil volumes literários. Ela era o centro de difusão da cultura helenística, onde diversos estudiosos e artistas trabalharam juntos e compartilharam suas ideias. E, dado que o Helenismo é um *mix* de várias culturas, a cultura e artes eram muito diversificadas. A época possibilitou o surgimento de gêneros literários que se adaptavam aos gostos da população das várias regiões conquistadas. Os gêneros mais difundidos do período foram a poesia erudita, poesia bucólica, comédia nova.

Ainda nesse apogeu de conhecimento que foi o Helenismo, as ciências se desenvolveram, principalmente nos campos da matemática e astronomia. Na matemática, podemos citar Euclides e Arquimedes, que utilizaram a geometria nos seus estudos da Física, principalmente a física mecânica de Arquimedes, que possibilitou uma modernização nas armas de ataque e defesa. Na astronomia podemos citar Aristarco e Hiparco, que se dedicaram a medir o diâmetro da Terra, e as distâncias do espaço, como a distância entre os planetas, e a distância da Terra até o Sol e até a Lua. O Heliocentrismo, hipótese muito famosa que os planetas giravam em torno do Sol, foi criada por Aristarco, mas só ganhou notoriedade no século XVI, com Galileu Galilei e Nicolau Copérnico.

A Grécia é considerada o berço da Filosofia Ocidental, então é nítido que a filosofia acompanharia as mudanças do período helenístico, passando por transformações. Durante o período helenístico, várias escolas filosóficas surgiram, cada uma oferecendo perspectivas distintas sobre a vida, a ética, a metafísica e outros temas filosóficos. As escolas do Helenismo possuem uma forte influência socrática, uma vez que, foram fundadas após a morte de Sócrates. Todas elas partilhavam de um amor incondicional pela sabedoria, entendendo que é só pela sabedoria que encontramos a harmonia com o cosmos.

Essas escolas filosóficas do período helenístico representam uma diversidade de abordagens para questões fundamentais da existência humana e influenciaram o desenvolvimento do pensamento filosófico ocidental. Cada uma delas contribuiu para moldar a compreensão da ética, da natureza humana e do propósito da vida. As principais escolas do Helenismo, ou, ao menos, as que ganharam mais notoriedade, foram:

- Epicurismo, fundada por Epicuro, onde suas principais ideias focavam em evitar as dores e alcançar a ataraxia, felicidade, tranquilidade. Valorizava a amizade, e a busca por uma vida simples, de prazer moderado.
- Estoicismo, fundada por Zenão de Cítio, buscava o controle interno das emoções e na aceitação do destino. Viam a virtude como o único bem verdadeiro; ceticismo, fundada por Pirro de Élis

em 360 a.C., acreditavam ser impossível alcançar o conhecimento absoluto e condenavam, então, o julgamento.

- Ecletismo (Período Médio da Academia), onde durante o período helenístico, a Academia Platônica passou por mudanças, adotando posições ecléticas e incorporando elementos de outras escolas filosóficas, como o estoicismo e o aristotelismo.
- Cinismo, fundada por Antístenes e posteriormente foi continuada por Diógenes, era caracterizada por rejeitar as convenções sociais e materiais, buscando uma vida simples e autossuficiente em conformidade com a natureza, e era comum aos filósofos Cínicos levarem uma vida simples, sem apego a coisas materiais, e acreditavam que somente os virtuosos conseguiriam alcançar a Felicidade.
- Hedonismo, fundada por Aristipo, buscava o prazer imediato, sendo esse o único propósito da vida. Ele acreditava que o prazer físico era o bem supremo e que os prazeres deveriam ser perseguidos, independentemente de sua duração.
- Peripatéticos, fundada por Aristóteles, abordava uma ampla gama de tópicos filosóficos, incluindo ética, metafísica, política, biologia e lógica. Aristóteles, e acreditavam na ética baseada na virtude, e que o objetivo da vida era alcançar a *eudaimonia* (realização plena), que envolvia o desenvolvimento de virtudes morais e intelectuais.

O período helenístico foi marcado por expansões, sejam elas territoriais, ou de cunho intelectual e linguístico. Também é bem nítido como as diferentes regiões, diferentes reinos, se comportavam, apesar de terem sido anexados, cada região mantivera sua individualidade. Podemos ver também como o período foi um marco de suma importância para as artes, em especial a literatura, arquitetura e artes plásticas, e para as ciências. É certo destacar também que o período foi de vastas mudanças na filosofia, com o surgimento de muitas escolas filosóficas que marcam o modo de se pensar e a relação com a vida e bem-estar. O helenismo foi crucial para o futuro das civilizações ocidentais, e a herança helenística perdurou-se nas futuras gerações, e ainda perdura atualmente.

CAPÍTULO 18 - A EDUCAÇÃO MEDIEVAL

Augusto Felix Macho Athaydes

A Idade Média, compreendida entre os séculos V e XV, emerge como um período de riqueza cultural e complexidade social, frequentemente mal interpretado como uma "idade das trevas". Contudo, essa era revela-se notavelmente desenvolvida e influente em vários aspectos, sendo crucial explorar a filosofia educacional que a moldou e entender suas raízes que lançaram sementes para a educação contemporânea. Caracterizada por uma complexidade social, política e cultural, a Idade Média desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da educação. Sob a influência dominante da Igreja Católica, elementos distintivos como o Teocentrismo, o Trivium e o Quadrivium, juntamente com figuras notáveis como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, moldaram profundamente a visão educacional da época.

Apesar das limitações no período medieval, a preservação do conhecimento clássico pelos monges surge como um legado inestimável. Esses esforços dedicados contribuíram significativamente para a construção da base intelectual que sustenta a educação ao longo dos séculos, destacando a importância da tradição no desenvolvimento do pensamento educacional. A compreensão evoluída de que a educação transcende a mera transmissão de conhecimento revela a influência duradoura da filosofia educacional medieval na sociedade contemporânea. A formação integral do caráter moral dos indivíduos, continua a moldar a percepção do propósito da educação na atualidade. Modelos de ensino originários da Idade Média perduram e exercem impacto no desenvolvimento do ensino educacional moderno. Muitas práticas pedagógicas, concebidas nesse período, ainda são aplicadas nos dias de hoje, ressaltando a resiliência e relevância da herança medieval no cenário educacional contemporâneo.

O Teocentrismo, centrado em Deus, foi o alicerce da filosofia educacional medieval. A finalidade educacional estava essencialmente ligada à busca pela salvação espiritual. As instituições de aprendizado, controladas pela Igreja, tinham o objetivo de transmitir os princípios da fé cristã e preparar os indivíduos para a vida religiosa. Esse enfoque destacava a dimensão espiritual da educação, algo que ressoa até os dias atuais, apesar das mudanças no panorama religioso.

O currículo medieval baseava-se no Trivium (gramática, retórica e lógica) e no Quadrivium (aritmética, geometria, música e astronomia). Essas disciplinas eram consideradas essenciais para o desenvolvimento intelectual e moral. No entanto, a acessibilidade à educação era restrita, favorecendo predominantemente o clero e uma elite privilegiada. A ligação entre educação e posição social na Idade Média ecoa nas questões contemporâneas de equidade educacional.

A abordagem autoritária da época era evidente, com a Igreja e os mestres detendo uma autoridade inquestionável. O ensino era centrado na memorização de textos religiosos, visando fortalecer a fé e a moral dos estudantes. Essa dinâmica autoritária influenciou na reflexão sobre a importância da autonomia estudantil e do desenvolvimento do pensamento crítico.

Santo Agostinho, na Patrística, enfatizou a busca de Deus e a compreensão da verdade cristã como fundamentais na educação. Sua teoria da iluminação divina ressoa na ideia de que o conhecimento verdadeiro depende da iluminação concedida por uma fonte superior. São Tomás de Aquino, na Escolástica, desenvolveu a síntese entre fé e razão, destacando a importância de integrar conhecimento e fé de maneira coerente. Essas contribuições continuam a influenciar a visão da educação como um processo integral de formação moral e intelectual.

O ensino prático envolvendo a aplicação dos princípios teóricos na prática, que era valorizado na Idade Média. Além disso, as disputas e leituras comentadas estimulavam o pensamento crítico. O desenvolvimento de doutorados, representando o ápice do conhecimento formal, evidencia a busca pelo saber como um caminho para a liberdade intelectual. Essa abordagem prática e o reconhecimento da expertise contribuíram para minha visão sobre a importância de uma educação que vá além da teoria.

Ao abordar o teocentrismo, percebo a importância de fundamentar questões educacionais em bases religiosas, especialmente em um estado laico. Supor que todas as normas devem derivar do cristianismo, ou de qualquer outra religião, é ter uma visão limitada, pois o que é significativo para alguns pode não ter o mesmo impacto para outros. Já vivenciei ambientes educacionais privados em que as diretrizes, desde comportamento até uniformes, refletiam as crenças religiosas do proprietário, que era cristão. Essa abordagem revela a necessidade de considerar a diversidade de perspectivas na educação. A importância de introduzir a retórica não pode ser subestimada, pois ela representa a arte de argumentar, uma habilidade essencial no âmbito acadêmico e na vida cotidiana. Capacitar os alunos a expressarem suas opiniões é crucial não apenas para o ambiente educacional, mas também para seu papel na sociedade como indivíduos ativos.

Minhas experiências com abordagens autoritárias e métodos baseados em memorização não foram favoráveis, o que me motivou a adotar uma abordagem diferente. Sempre considerei mais enriquecedora a ideia de indivíduos pensantes, capazes de formular respostas com suas próprias palavras. Acredito que se tivesse sido exposto a esse tipo de ensino desde cedo, minha habilidade em produção textual não teria sido um desafio. Encontrei alguns professores que, mesmo enfrentando resistência institucional, utilizavam debates como ferramenta para estimular o pensamento crítico. Participar dessas discussões sobre uma variedade de temas, muitas vezes além do conteúdo programático, moldou minha capacidade de questionar e argumentar. Essas experiências foram

fundamentais para o desenvolvimento da minha postura questionadora e argumentativa em relação a diversos assuntos.

A importância da educação medieval trouxe à tona não apenas uma compreensão mais profunda do passado, mas também uma clara visão do educador que desejo me tornar no futuro. A ênfase na ética e moral na educação medieval ressoa como um eco atemporal, influenciando inúmeras instituições educacionais contemporâneas. A ideia de que a educação não se limita apenas à transmissão de conhecimento, mas engloba a formação integral do caráter moral dos indivíduos, molda a abordagem pedagógica em diversos contextos educativos. Minha vontade de ser um profissional que provoca dúvidas e questionamentos, estimulando os alunos a pensar e produzir conteúdo de forma autônoma, é um reflexo direto da minha própria jornada como aluno. Ao não frequentar as instituições de ensino mais renomadas, deparei-me com uma realidade na qual o aprendizado frequentemente seguia uma via unidirecional, com o professor detendo todo o conhecimento e os alunos assumindo o papel de meros receptores. Essa abordagem, que é muito comum, não representou um desafio estimulante para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Diante da profunda compreensão da formação ética e moral como elementos fundamentais da educação, aliadas à valorização do conhecimento como instrumento de liberdade intelectual, surge a necessidade de investigar a eficácia desses princípios na educação contemporânea. Uma pesquisa futura pode se dedicar a examinar como práticas pedagógicas inspiradas na tradição medieval, como disputas e leituras comentadas, influenciam a formação ética dos alunos. Este estudo poderia explorar como o papel do educador impacta a construção do caráter moral dos estudantes, especialmente ao promover abordagens que desafiam os alunos a pensar criticamente, formar opiniões e expressar ideias persuasivas, estimulando a autonomia intelectual e a formação ética. A pesquisa proposta não se limitaria à sala de aula, estendendo-se ao ambiente das instituições de ensino superior, analisando como esses valores são incorporados em políticas e práticas educacionais. Isso incluiria uma avaliação de iniciativas que visam não apenas transmitir conhecimento, mas também cultivar valores éticos e morais entre os alunos.

Minha própria jornada como estudante, buscando extrair o máximo das aulas e reconhecendo a importância da reflexão independente, destaca a relevância dessas pesquisas. Como educador em formação, meu desejo é desafiar os alunos a pensar criticamente e tirar conclusões próprias, seguindo a inspiração de ser o professor que não tive. Assim, a filosofia educacional medieval não é apenas um campo de estudo, mas uma inspiração que molda minha trajetória. Como futuro educador, vislumbro uma prática essencial ligada à provocação do pensamento crítico, à promoção da autonomia intelectual e à criação de um ambiente educacional que estimule a formação de opiniões próprias. Este percurso de autoconhecimento e dedicação à mudança na educação é o motor que impulsiona minha paixão por lecionar e criar um ambiente educacional inspirador.

CAPÍTULO 19 - O PROTESTANTISMO E A EDUCAÇÃO POR PARÁBOLAS

Ana Leticia Martins Custodio da Silva

Muito se discute acerca da educação e do ensino, muitas pesquisas e métodos foram criados para a evolução dessa temática tão essencial e presente para a humanidade. Pode-se afirmar que as transformações históricas e religiosas causaram grandes impactos e transformações na sua evolução, já que facilmente podemos identificar a influência que esses fatores tiveram e têm na educação atualmente. O foco principal dessa pesquisa será os impactos do Protestantismo na educação. Alguns pontos que serão explanados nesse estudo são:

1. Uma Contextualização sobre a Educação antes da Reforma Protestante.
2. O que foi o Movimento Protestante e as suas consequências na sociedade e na educação.
3. O precursor desse movimento – Martinho Lutero.
4. A inclusão e acessibilidade gerada pela tradução da Bíblia.
5. Uma análise sobre o método de ensino que Jesus usou para ensinar e instigar os discípulos e ao povo.
6. Uma exemplificação do ensino de Parábolas através da reflexão da série The Chosen.

É preciso entender como era a educação antes da Reforma Protestante para compreender quais impactos e transformações foram gerados devido a tal movimento. Estará presente nessa análise tanto as características da educação na Europa ocidental como a no Brasil e as suas transformações após o evento que marcou tanto na educação, como em aspectos religiosos e sociais. O Movimento Protestante foi uma reforma religiosa iniciada por Martin Lutero, um monge e teólogo alemão, que gerou um rompimento com as crenças da Igreja Católica. Martin Lutero e alguns apoiadores de sua causa, insatisfeitos com as doutrinas do Catolicismo, incentivaram a criação de uma nova vertente cristã, desapegando de tradições e práticas pertencentes a Igreja Católica. A Bíblia foi primeiramente traduzida para o Alemão, e Martin Lutero teve participação em sua tradução, já que ele traduziu o Novo Testamento para o Alemão. A Reforma Protestante incentivou que as traduções acontecessem em cada língua-materna, com essa conquista, uma maior porção de indivíduos teve acesso a leitura e acesso a sua religião.

Jesus Cristo, no Novo Testamento, fazia o uso de Parábolas para ensinar, confrontar e gerar transformação na população por onde Ele pregava. As parábolas eram histórias hipotéticas similares a do cotidiano do povo, causando um dilema moral dentro do indivíduo. A série The Chosen é uma

representação visual da vida de Jesus, que conta a sua trajetória de acordo com os acontecimentos contados na Bíblia. Dentro dessa série de TV, podemos ver Jesus construindo o seu ministério e ensinando a população sobre a palavra presente na Bíblia. Durante esse processo, é visível aspectos como paciência e incentivo, presentes no método de educação de Jesus. Logo, pode-se entender por meio dos aspectos brevemente explicados acima que a religião cristã tem direta relação com o incentivo à educação ao redor do mundo, principalmente no Brasil e com a criação e inspiração de métodos de ensino.

Primeiramente, é necessário considerar como era o acesso e o funcionamento da educação e como eram utilizados os métodos de ensino antes da Reforma Protestante para compreender a influência e as consequências causadas por esse movimento na área educacional. Anteriormente à Reforma Protestante, a educação era um sistema composto pela alta elite da sociedade, causando uma segregação social e uma grande defasagem no resto da população. A razão para isso é que não havia obrigatoriedade do ensino, de modo que só estudava quem espontaneamente decidia por isso. Por mais que pudessem escolher estudar, os camponeses não tinham tempo livre para isso e preferiam não estudar. Como resultado, apenas o Clero e a Nobreza tinham tempo livre e total acesso à educação, a Bíblia e a Igreja. Durante esse período as Instituições Religiosas tinham grande poder aquisitivo, cultural e político, acima até mesmo da Monarquia e, por esses motivos, a Igreja foi crucial na mediação de conflitos, na coroação de reis e imperadores, na promoção de alianças políticas e na manutenção da ordem social. E com todo esse poder que auxiliava e protegia apenas os nobres, a maior parte da população tinha oportunidades limitadas tanto na educação como em sua religiosidade, gerando um povo facilmente influenciável e manipulável devido à falta de conhecimento.

Podemos definir o período entre os séculos V à XV como Idade Média. Assim como já foi citado a Educação era de responsabilidade total da Igreja Católica. As escolas funcionavam muitas vezes conectadas às catedrais, às escolas monásticas ou nos mosteiros. A Igreja foi um instrumento essencial no processo da educação na era medieval, a grande disseminadora do conhecimento e da cultura. Sem dúvida, a Igreja causou um grande impacto para o legado educacional contemporâneo. As instituições funcionavam da seguinte forma: eram administradas por um cônego.

Os professores eram parte do Clero e ensinavam as conhecidas sete artes liberais: gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e música, que tardiamente constituíram o currículo de muitas universidades. Em alguns casos, os alunos deviam pedir permissão aos bispos e aos diretores para participar da escola, e esse processo não era fácil já que eles eram bem seletivos com quem poderia ter esse direito. Além disso, a Igreja chegou a proibir a leitura de alguns textos, incluindo de Aristóteles. Entretanto devido as tamanhas restrições, alguns professores e alunos se

organizaram e decidiram criar uma associação em grupos de estudos, os quais mais tarde se juntaram no que se tornaria e se chamaria de “Universidade”. Os cursos oferecidos pelas recém-criadas instituições eram em latim e tinham apenas 3 cursos: Direito, Medicina e Teologia. A metodologia usada durante este período era fundamente na leitura de textos, na exposição de ideias feitas pelos professores e debates entre alunos e mestres. Visto que as aulas eram em Latim, era exigido do aluno muito empenho e dedicação. É interessante citar que o propósito da Educação era formar a vida do estudante embasada nos princípios e ensinamentos cristãos.

A Igreja passou a cobrar dos fiéis mais dos que os dízimos, pois queriam arrecadar dinheiro para a construção da Basílica de São Pedro, no Vaticano. Então, os fiéis passaram a pagar para ter seus pecados perdoados, esse fator era chamado de “indulgência”, também ocorria a venda de cargos eclesiásticos e a venda de relíquias sagradas, ambas situações conhecidas como “simonia”. Lutero não concordava que além do fiel fazer sacrifícios e ter uma vida penitente, era preciso pagar para ser perdoado e conseguir a salvação, ele não achava justo que o clero e a nobreza viviam com luxos e riquezas, mas o resto da população vivia em grande pobreza e miséria. E por esses e outros motivos, Martin Lutero iniciou a Reforma Protestante.

É imprescindível saber de algumas informações importantes sobre o propagador desse movimento para compreender as mudanças geradas pela Reforma Protestante em sua totalidade. Martinho Lutero era um padre e professor alemão, aprofundou seus estudos em grego e em hebraico para melhor compreender a Bíblia. O Protestantismo foi um movimento que gerou tremendas e impactantes transformações religiosas, sociais, políticas, culturais e econômicas na Europa, pois rompeu com as raízes teológicas da Igreja Católica. Essa reforma foi criada e influenciada por Martinho Lutero, pois ele estava insatisfeito e em desacordo com algumas doutrinas e práticas pertencentes ao Catolicismo. Esse evento foi iniciado quando Lutero escreveu um documento chamado de 95 teses.

As 95 teses foi um documento que apresentava uma análise confrontando as práticas errôneas da Igreja, essas teses rapidamente foram espalhadas pela Alemanha. A intenção de Lutero não era causar uma ruptura na Igreja Católica inicialmente, mas devido a interpretação de cada indivíduo que leu o documento de Lutero, essa separação foi inevitável. A ideologia do homem no centro que estava crescendo e se tornando conhecida entre a população, as artes que encontravam novas formas de expressão, o conhecimento científico aumentava e a invenção da imprensa garantiu maior produção de livros e ampliou a circulação de ideias, o hábito de debates e análises geradas pela leitura incentivaram a relevância desse evento.

A Reforma teve desdobramentos em outros campos da vida social e ultrapassou as questões relativas à Igreja; reforçando movimentos de renovação nas mais diferentes esferas da estrutura

social, incluindo o campo da educação escolar. Foi durante a Reforma Protestante que a ideia de uma educação voltada para todos começou a ser elaborada, essa educação, ainda conectada a religião, tinha como propósito possibilitar ao cristão o acesso aos textos bíblicos. Assim, a educação era um elemento necessário para a propagação da fé cristã.

Por isso, pode-se afirmar que a religião e a educação estavam ligadas e trabalhavam juntas. Já que apenas o Clero e Nobreza tinham acesso aos textos bíblicos que eram discutidos e ensinados nas escolas, o resto da população vivia em um déficit de conhecimento e oportunidades automaticamente gerando um povo facilmente influenciável, a Reforma Protestante lutava pelo direito ao acesso de textos bíblicos que estava diretamente ligada a área estudantil. Então, o que era para ser apenas um movimento religioso, acabou se transformando em uma manifestação pelo direito à educação.

Lutero, no começo de sua juventude, decidiu se aprofundar nos estudos da Bíblia e percebeu que toda a população devia ter acesso a tais textos para que pudessem fazer suas próprias reflexões e não fossem mais manipulados e enganados por instituições religiosas. A partir desse movimento, as oportunidades começaram a surgir para a população, através de grandes universidades como Universidade de Yale, de Harvard, de Princeton e a Livre de Amsterdã, e incentivou a tradução da bíblia para todos as línguas, sendo o primeiro livro a ser impresso ao redor do mundo.

A tradução da Bíblia foi importante para a concretização desse movimento e incentivou o acesso à educação. Já existia algumas traduções deste livro, mas não eram conhecidas por toda a população, enquanto a Igreja Católica passou a usar quase que exclusivamente o latim. Como o a maior parte do povo não falava ou entendia esta língua, a compreensão do texto bíblico passava totalmente pelas mãos do clero. Os padres liam e interpretavam, à sua maneira, os ensinamentos sagrados. Nesse período, o que a igreja dizia tinha peso igual ou maior ao que a Bíblia dizia, pois eram os únicos propagadores desse “conhecimento”.

Durante a reforma, a tradução da Bíblia para o alemão, feita por Lutero, permitiu também que outras pessoas tivessem acesso à Sagrada Escritura e pudessem interpretá-la. Isso fez com que outros líderes elaborassem suas próprias doutrinas religiosas e originou formas diferentes de ler os textos bíblicos, sem a interferência do Vaticano. Por essas razões, surgiram muitas Igrejas Cristãs Protestantes e que rapidamente ganharam muitos fiéis provocando a perda da hegemonia da Igreja Católica ao redor do mundo.

Tendo em vista que as populações começaram a ter acesso direto a Bíblia em sua própria língua, não mais precisando depender totalmente dos princípios católicos, elas desenvolveram as suas próprias concepções em relação a salvação e com seus relacionamentos com Deus. Presente no Novo Testamento, há a história de Jesus de Nazaré e como Ele constituiu seu ministério, o propósito d’Ele na terra foi comunicar ao povo sobre o amor incondicional, a salvação e a graça de Deus com o

intuito de mostrar a verdade e salvar suas almas da perdição.

A comunicação e o ensino eram grandes partes do ministério de Jesus, afinal Ele era conhecido como mestre devido aos seus ensinamentos. Um método muito conhecido usado por Jesus para ensinar a população, era chamado de “parábola” e se baseava em histórias que quando contadas explicavam uma verdade complexa. Essas histórias não necessariamente narram coisas que tenham acontecido, mas são ilustrativas que revelam verdades profundas. Alguns conceitos são difíceis de explicar, porque são abstratos, porém dentro de uma história, uma ideia tem uma aplicação prática e se torna mais fácil de entender. Em outras palavras, as Parábolas são pequenas histórias que explicam um conceito, usando exemplos do dia a dia.

Jesus usou parábolas para explicar alguns temas como: **A salvação:** na parábola do semeador (Lucas 8:4-8); **O amor ao próximo:** na parábola do bom samaritano (Lucas 10:30-37); **O Juízo Final:** na parábola do trigo e do joio (Mateus 13:24-30) O conceito das parábolas é similar com o método de exemplos que usamos em sala de aula relacionando aspectos das vidas dos alunos com o assunto abordado para que o aluno preste atenção, se identifique e interaja com o professor. A parábola tinha o mesmo objetivo de evocar uma resposta por parte dos ouvintes. Uma parábola é contada com o objetivo de cativar o ouvinte para aquela história, a fim de fazê-lo parar e pensar acerca das suas próprias ações, ou de levá-lo a dar alguma resposta a Jesus e seu ministério. Por isso, era tão usada por Jesus.

A série *The Chosen* é uma representação da humanidade de Jesus, é a primeira série com múltiplas temporadas que conta a história do Nazareno. Na série, o diretor brilhantemente consegue detalhar os relatos históricos sem tirar a essência do texto bíblico. Durante os episódios, são apresentados mais detalhes sobre os milagres, trazendo personalidade aos discípulos de Jesus, e facilitando a compreensão das parábolas.

Nas cenas de Jesus ensinando ao povo, representadas por Jonathan Roumie, conseguimos perceber a paciência e calma do Mestre ao contar suas parábolas. Na parábola da pesca, por exemplo, podemos ver que Jesus constantemente faz perguntas a quem o escuta, gerando uma conversa entre o professor e o estudante. Todos esses aspectos devem ser usados na educação nos dias de hoje, pois são ótimos métodos para manter o controle na sala de aula, interação e atenção dos alunos.

Conclui-se que o estudo desses temas proporciona uma compreensão profunda das transformações ocorridas na educação antes, durante e após a Reforma Protestante, que teve Martinho Lutero como precursor. Antes do movimento, a educação era restrita a uma elite, já com a Reforma Protestante, houve uma ruptura significativa, contrapondo as estruturas estabelecidas e promovendo uma abordagem mais acessível e inclusiva, especialmente com a tradução da Bíblia para diversas línguas.

Martinho Lutero, como líder do movimento, desempenhou um papel crucial ao questionar a

autoridade da Igreja Católica e defender princípios como a salvação através da graça e fé do fiel. Seu impacto não se limitou ao âmbito religioso, estendendo-se à educação, ao promover a ideia de que todos deveriam ter acesso à Palavra de Deus, resultando em uma democratização do conhecimento e uma maior ênfase na alfabetização. A tradução da Bíblia para línguas acessíveis ao público ampliou a inclusão e acessibilidade, permitindo que as pessoas se envolvessem diretamente com os textos sagrados. Esse processo contribuiu para o desenvolvimento linguístico e cultural das comunidades, influenciando positivamente a educação e a sociedade em sua totalidade.

Ao considerar o método de ensino de Jesus, percebemos que sua abordagem era profundamente revolucionária. Utilizando parábolas e métodos participativos, Jesus estimulava a reflexão e a compreensão, destacando a importância do ensino prático, interativo e contextualizado. Essa abordagem continua a inspirar educadores até os dias atuais, enfatizando a relevância e eficácia do aprendizado ativo e significativo. A exemplificação do ensino de parábolas através da série "The Chosen" ilustra como histórias atemporais podem ser apresentadas de maneiras contemporâneas, mantendo sua essência e impacto. Isso ressalta a capacidade do ensino através de narrativas para transcender barreiras temporais e culturais, alcançando e transformando públicos diversos.

Em síntese, ao explorar esses temas, compreendemos não apenas as mudanças na educação resultantes da Reforma Protestante, mas também a importância da inclusão, acessibilidade, métodos de ensino significativos e a continuidade de valores educacionais atemporais que transcendem fronteiras históricas e culturais. Essas lições do passado continuam a moldar e inspirar abordagens educacionais contemporâneas.

CAPÍTULO 20 - EXISTENCIALISMO NO SÉCULO XX

Valter Jesus dos Santos

Assim como todo movimento epistemológico, o existencialismo surgiu como uma síntese de uma contraposição de ideias, e nesse caso o ponto de partida foi o idealismo hegeliano, o qual propôs e teorizou a história do espírito humano em um desenvolvimento progressivo e crescente, estabelecendo uma certa linearidade e universalidade dos objetos de estudo. Como ideia concebida pós fenomenologia de Edmund Husserl, que trazia novas concepções ao pensamento cartesiano, responsável por associar o homem àquilo que o circunda, ou seja, somando a racionalidade inerente a ele à interferência do meio na sua perspectiva. Assim a consciência não virá só daquilo que se explica, mas também a maneira como sentimos os fenômenos.

A partir desse entendimento de nós, como componentes do mundo e não apenas contempladores, Martin Heidegger, filósofo e professor alemão, propõe o questionamento até hoje não respondido: “qual o sentido do ser no mundo?”, esse questionamento sugere então a necessidade do indivíduo de ser um tema para si mesmo, isto é, entender o mundo pressupõe o entendimento individual. Além disso, inversamente a tese de Descartes, Heidegger nega a existência da racionalidade pura, a admitindo somente sob a existência do ser. Para existir, a razão precisa coexistir com a existência humana impreterivelmente.

Na contramão da proposta hegeliana, o existencialismo surgiu para estudar o ser humano, mas não mais a fim de encontrar propósito e sentido em sua natureza, mas sim para estabelecer o sentido da existência na existência em si. Essa ausência na procura daquilo que todo ser humano deseja saber reflete o contexto histórico vivenciado nos pós primeira e segunda guerra, em que houve a cisão de todos os valores humanos já estabelecido, um cenário nomeado por Durkheim de “anomia social”, cujas leis e dogmas que regem o status quo deixam de fazer sentido.

O foco deixa de ser a ética humana, embate racionalismo x empirismo, metafísica platônica, ou aristotélica ou arché, passando a concentrar-se apenas na irremediável liberdade que existe na individualidade e o que limita o absurdo, pauta extremamente relevante, principalmente em um cenário pós-guerra. Paradoxalmente a muitas correntes filosóficas, o existencialismo conseguiu reunir tanto o ceticismo ateu, quanto a fé em uma divindade superior. Por isso, o pai da filosofia Kierkegaard, teórico cristão afirmava que a essência deveria ser concebida pelo indivíduo a qual pertence, mas poderia ser norteadada pela fé, preenchedora do vazio existencial. Já para Jean Paul Sartre ser humano está condenado a conviver com a sua liberdade até o fim de sua vida. Jean Paul

Sartre, que tinha pensamento semelhante ao de Heidegger, leva o existencialismo para a França no começo do século XX, respondendo à pergunta de seu mestre, afirmando que o sentido na existência do ser é apenas existir, de forma que a procura pelo significado seria angustiante à medida que a resposta não é racional e concreta, mas sim o resultado de uma imersão no ser e naquilo que o circunda.

O teórico não procura a verdade da existência, uma vez que ela é construída com base nas variáveis, não podendo ser determinada pela origem biológica/hereditária, razão religiosa, moral ou meio em que se vive além disso também não pode ser definida pela natureza racional dos sujeitos. A metafísica platônica consegue acessar a essência da materialidade e transportá-la para o campo das ideias, todavia essa caracterização do mundo proporciona uma limitação dos objetos e os categoriza com universalidade, removendo sua subjetividade e individualidade, atributos que conferem complexidade e permitem ir além daquilo que a racionalidade proporciona, como vontades, comportamentos e idealizações, traços humanos inatos.

Ainda na negação da racionalidade pura, Schopenhauer estabelece a vontade de viver como um pleonismo, levando em conta que vontade já é preconcebida por viver, em outras palavras o ser humano é formado por desejos perenes, e tal angústia em sempre ter falta só pode ser superada caso haja aceitação dessa natureza. Caso seja sufocada, haverá a supressão de sua natureza dotada de liberdade. Sartre em concordância afirma que negar a si mesmo a oportunidade de escolha seria omissão, que não deixa de ser um ato de má fé e, negando a sua identidade, seria então o princípio para negar a humanidade e, portanto, motivo suficiente para limitar a liberdade alheia. Por conseguinte, mesmo que a liberdade seja intrínseca a nós, quando há omissão, ela pode ser infringida pelo exercício da liberdade do outro, razão geradora da maior parte dos conflitos já documentados.

Muito importante na ambientação das grandes guerras, o entendimento da liberdade não significa desafiar os limites do outro, ou seja, o exercício das nossas escolhas deve vir acompanhado de responsabilidades, as quais tem um poder mediador sob as escolhas desempenhadas. Em sua palestra “O existencialismo é um humanismo”, Sartre contrapõe-se à metafísica aristotélica, que conjuga o homem a moralidade e estabelece a cerne política comum a todo indivíduo, e baseia-se apenas na existência como precedente a essência, isto é, o ser humano não é nada além daquilo que ele, por meio de suas escolhas, se faz. Diferentemente de um animal formado apenas por instintos, tal qual nos dá previsibilidade sobre suas ações, seres humanos não possuem configurações específicas. Essa forma de pensar o faz intitular a nova ideia como “a menos escandalosa e austera”.

Apesar do viés individualista do pensamento, a ideia não pode ser aplicada em sua integridade, uma vez que partindo do princípio de que vivemos em coletividade sob diferentes oportunidades, padrão cultural, socioeconômico e religioso, a oportunidade de formar-se a partir daquilo que a minha escolha possibilita elimina automaticamente a variável meio, que por sua vez é,

não determinante, mas muito preponderante na tomada de decisões. Por isso, nem determinismo e nem existencialismo são capazes de abranger a realidade na totalidade (e nem é essa a função de uma corrente de pensamento, a não ser nos retirar da zona de conforto para novas propostas).

Seu legado para o ocidente consiste no enfrentamento do “eu” como único capaz de escolher aquilo que irá definir o sujeito, ou melhor não mais a crença em um destino, força divina ou razão inteligível explicará a finalidade da vida porque a vida é um fim em si mesma. No filme de 2004, “efeito borboleta” dirigido por Eric Bress, o protagonista encontra a possibilidade de modificar um evento no passado e consequentemente cada mudança no passado altera o presente de alguma forma nem sempre prevista e desejada. A ficção conversa com o existencialismo sartriano à medida que uma escolha insignificante no julgamento comum pode desencadear uma sequência de fatos e caso este não tenha ocorrido não seríamos nós.

A corrente existencialista representa, portanto, um movimento dialético com a forma de produzir conhecimento anteriormente suscitada, produzindo em um período de ruptura com os valores humanos a nova forma de encarar o papel humano no individual e coletivo. A condenação que há na liberdade converte-se em angústia por assim como Nietzsche declarar a morte de deus no sentido metafórico o qual compele o homem a sair da submissão, e assumir suas próprias aspirações sem motivação externa, ou seja, ver recompensa no ato em si e não em uma promessa de premiação futura.

Cada conhecimento, que escolhemos agregar, quando assimilado também, como em um efeito dominó, proporcionam mudanças sutis que, em conjunto, nos alteram à proporção que são integrados. Ter ciência desse evento não é tão confortável quanto delegar a responsabilidade de ser nas mãos de convenções sociais. Em resumo há cada vez menos humanidade naquilo que há de melhor e pior, fato esse que facilita a uniformização, mecanização e disciplinarização de uma mão de obra barata em potencial porque quanto menor são as personalizações de um produto, menor seu preço de mercado.

CAPÍTULO 21 - EXISTENCIALISMO E SUA INFLUÊNCIA EM WESTWORLD E BLADE RUNNER

Ana Carolina de Oliveira Macedo

A filosofia existencialista, caracterizada pela profundidade analítica e pela abordagem à subjetividade e à responsabilidade, constitui um corpus filosófico de notável pertinência e complexidade. Esta resenha empreende uma incursão sistemática nas raízes históricas, conceitos fundamentais e implicações éticas do existencialismo, considerando, suas aplicações contemporâneas. A narrativa será pontuada por analogias com narrativas contemporâneas, a fim de ilustrar as interconexões entre a filosofia existencialista e manifestações culturais modernas.

O existencialismo, como escola filosófica, suscita reflexões profundas acerca da condição humana, abordando questões existenciais fundamentais com ênfase particular na subjetividade, na liberdade e na responsabilidade individual. As raízes históricas dessa corrente remontam a antecessores como Kierkegaard e Nietzsche, cujas indagações filosóficas contribuíram significativamente para a formação do existencialismo como entidade filosófica autônoma. No entanto, é nos escritos de figuras notáveis como Jean-Paul Sartre e Albert Camus que encontramos uma elucidação mais abrangente das implicações ontológicas e éticas do existencialismo.

O existencialismo, em sua essência, desafia a concepção tradicional de filosofia ao deslocar o foco de questões abstratas e metafísicas para as questões mais concretas e imediatas da existência humana. Nesse sentido, a análise do existencialismo não se restringe a uma mera explanação teórica, mas incita a uma autorreflexão profunda sobre a natureza da própria existência. A angústia, um conceito central, revela-se como uma experiência fundamental do existir, desafiando a tranquilidade tradicional das análises filosóficas. A liberdade existencial, simultaneamente libertadora e onerosa, impõe a responsabilidade inevitável pelas escolhas individuais, uma dimensão ética que se destaca na análise existencialista. Sob esse prisma, o indivíduo se confronta com a necessidade premente de criar significado em um cosmos que se apresenta como, em essência, absurdo.

Na esfera ética, a filosofia existencialista propõe uma rejeição da moralidade pré-determinada em favor de uma ética da responsabilidade radical. Este aspecto não apenas desafia os fundamentos tradicionais da ética, mas também incita uma reavaliação da natureza das escolhas morais e da relação entre a liberdade individual e as demandas éticas. Ao contextualizar essas reflexões filosóficas com meu próprio entendimento, surge uma apreciação pela importância intrínseca do

existencialismo na compreensão do sentido da existência. A relevância do existencialismo estende-se à sua capacidade de proporcionar uma abordagem analítica abrangente às experiências humanas, incitando a autorreflexão e uma apreciação mais sutil das complexidades éticas subjacentes à tomada de decisões.

Ao estender a análise para o campo cultural, é interessante observar como o existencialismo influenciou obras de ficção, como a série "Westworld" e o filme "Blade Runner". Ambas exploram a natureza da consciência, liberdade e identidade em contextos futuristas, ecoando os questionamentos existenciais presentes nas obras dos filósofos existencialistas. Os androides em "Westworld", em sua busca por autonomia e significado, refletem o anseio existencialista pela liberdade e pelo sentido. Paralelamente, "Blade Runner" destaca a natureza da humanidade e as implicações morais no contexto de replicantes, suscitando questionamentos éticos que ecoam as indagações existenciais dos filósofos.

Em síntese, a incursão no universo do existencialismo proporcionou uma compreensão enriquecedora das complexidades inerentes à existência humana. A abordagem ontológica e ética do existencialismo revela-se como uma lente analítica única, incitando uma reavaliação crítica das convicções éticas convencionais. A relevância contemporânea dessas reflexões, tanto no âmbito ético quanto cultural, sugere que a filosofia existencialista, está longe de ser uma relíquia do passado, permanece como um campo fértil para a reflexão e análise crítica em tempos contemporâneos. Futuras pesquisas poderiam, portanto, explorar as sinergias e tensões entre o existencialismo e outras correntes filosóficas, bem como aprofundar a compreensão de suas implicações na ética aplicada e nas dinâmicas sociais emergentes.

CAPÍTULO 22 - A RAZÃO PARA VIVER O PRESENTE

SEGUNDO NIETZSCHE

Gustavo Perete Francisco

Pensem sobre a **maravilha de viver o presente**. ‘What a Wonderful World’ é uma música que ficou muito conhecida já em 1967, quando teve sua primeira versão, cantada por um dos músicos mais influentes do jazz, Louis Armstrong. A canção, composta por Bob Thiele e George David Weiss, é doce, harmoniosa e conta com uma performance vocal cheia de paixão, como era típico de Armstrong. A letra é um ode ao “mundo maravilhoso” em que vivemos, exaltando o verde das árvores, o azul do céu, as cores do arco-íris, a beleza de ver amigos apertando as mãos e dizendo “eu te amo”, entre outras coisas presentes na natureza do mundo descrito pelo cantor.

Quando Louis Armstrong gravou essa música, os Estados Unidos viviam um momento de segregação e tensões raciais muito fortes. Afro-americanos eram alvo constante de ódio. Músicos afro-americanos não eram exceção, logo Louis Armstrong não era exceção. Isso pode fazer algumas pessoas se questionarem: “A música tem uma mensagem alienante?”; “A letra tem uma ótica insensível de certa forma?”. Se perguntar isso talvez não seja um absurdo, já que dificuldades na vida pessoal existem até hoje em qualquer lugar do mundo, seja por causa de expectativas não cumpridas, insatisfação com o emprego, decepções amorosas, ansiedade, traumas... qualquer coisa pode virar o motivo de tristeza e amargura de um indivíduo. Afinal, o que fazia Armstrong cantar tão alegremente sobre o quanto o mundo é maravilhoso, mesmo com tantas coisas no mundo que simplesmente não são maravilhosas? Dá pra dizer que o segredo é: viver o presente. Ignorar as decepções e conflitos do mundo, e dar foco total ao presente. E com certeza ‘What a Wonderful World’ não é a primeira obra que representa essa filosofia.

Vejamos agora a **resposta de Nietzsche ao vazio**. Friedrich Nietzsche foi um dos filósofos mais críticos e subversivos de todos os tempos. Suas obras geram controvérsias, polêmicas e respostas até hoje. Ideias como Übermensch (super-homem), a morte de Deus e o eterno retorno são tópicos de debates nos dias atuais, podendo estar presentes em discussões sobre ideologias políticas, obras fictícias, manifestações artísticas e etc. Como por exemplo em ‘Bojack Horseman’, série animada da Netflix que estreou em 2014 e teve o seu fim em 2020. A série conta a história de Bojack, um ator em ostracismo que vive constantemente deprimido e sempre tentando achar uma forma de conseguir ser feliz. Através do seu roteiro, a série frequentemente traz à tona discussões existencialistas que muitas vezes comunicam quase que diretamente com o niilismo.

Aliás, falando em niilismo, esse é talvez o conceito mais conhecido e discutido dos trabalhos de Nietzsche. Se trata de um pensamento bastante cético, o que era uma característica não apenas do niilismo, mas de outras linhas de raciocínio apresentadas por Nietzsche. Na verdade, o niilismo por si só, apesar de não representar toda a obra de Nietzsche, é um pensamento que reflete várias características de seus trabalhos, já que o niilismo é contra tradições, valores e princípios. A doutrina niilista tem sustentação na total descrença aos valores religiosos e sociais, na “morte” do Deus cristão, e na falta de sentido da vida e das ações humanas.

Uma frase que é fundamental para o entendimento de boa parte da obra de Nietzsche é “Viver é sofrer, sobreviver é encontrar algum sentido no sofrimento”. Para o filósofo, sofrer é inevitável. E de fato, como dito anteriormente na introdução do texto, o sofrimento foi, ainda é e continuará sendo inerente ao ser humano. Todos esses valores (ou melhor, a falta deles) presentes nas obras do filósofo alemão, além de seu pensamento individualista, fazem as suas obras serem consideradas muitas vezes como pessimistas. O senso comum tende a interpretar o niilismo como algo a ser combatido. Quando na verdade, existe um lado muito positivo por trás das obras de Nietzsche, que as pessoas tendem a ignorar.

Pois bem, a segunda parte da frase citada anteriormente é importantíssima para enxergar uma ambiguidade única na filosofia de Nietzsche: sobreviver é encontrar algum sentido no sofrimento. O fato do sofrimento ser inevitável e das coisas não terem sentido faz Nietzsche nos aconselhar a sermos mais ativos e menos passivos. Segundo o próprio, nós mesmos que temos que achar o sentido para o que fazemos.

Afinal, partindo do pressuposto que Deus está morto, são os seres humanos que definem os seus propósitos, suas morais e o sentido da vida. Outro exemplo desse lado mais “otimista” da filosofia de Nietzsche é o eterno retorno, que também tem como um de seus objetivos ter respostas para o que fazer com a vida, dado a falta de qualquer sentido metafísico, religioso ou pré-estabelecido para nossas existências.

“Tudo acontece por uma razão e a razão sou eu que crio” é uma frase essencial para entendimento de outra vertente de pensamento de Nietzsche: *Amor fati*. Se trata de abraçar o que não se tem controle. Pois é o que nos forma como indivíduos. Mesmo que não estejamos satisfeitos com o que nós somos, nossas experiências ruins nos dão um aprendizado do que fazer no futuro para mudar isso, além de ensinar que o caminho pra melhorar não é fácil. É sobre saber apreciar tudo o que você fez, e tudo que acontece contigo, pois isso, no final das contas, torna você o que você é. Provavelmente a forma mais profunda e suprema de amor próprio.

Niilismo como um convite. O que Nietzsche escreveu é revolucionário, relevante e influente até hoje. Sua obra discute e critica muitos pontos existentes na sociedade contemporânea, como a moralidade cristã, que com certeza é um ponto interessante a ser debatido. Porém o foco desse texto

não dá tanta liberdade a isso, já que é um foco ainda mais interessante: a coragem para viver a vida. A filosofia de Nietzsche, individualista do jeito que é, insistia muito no desprendimento aos valores religiosos, políticos e sociais impostos em nós como sociedade. O rompimento dessas regras morais deve ser feito pelo indivíduo para que assim o mesmo possa ser livre.

Ao invés de interpretarmos algo como “o futuro não importa” como uma frase pessimista, devemos interpretar como um convite. Um convite para viver o momento, até porque o amanhã não importa mesmo. Pode ser um convite para falarmos para a pessoa que gostamos o quanto gostamos dela. Ou um convite para realizar um sonho de longa data. Ou para apreciar o que pode até parecer fútil, como o azul do céu, o vermelho das rosas... e assim voltamos para ‘What a Wonderful World’ de Louis Armstrong, canção gravada sessenta e sete anos após a morte de Nietzsche. Se Armstrong leu os trabalhos de Nietzsche? Não se sabe, mas o que é fato é que alguém pode sim ter sua vida mudada após ler as obras de um filósofo tão a frente de seu tempo.

O existencialismo, apesar de não ter sido criado por Nietzsche, teve o próprio como um dos seus principais debatedores. O niilismo, e por consequência, o existencialismo de forma geral, ainda deverão e serão debatidos num futuro muito distante, pois como dito antes, o sofrimento continuará. É importante para a saúde mental humana saber a melhor forma de lidar com o sofrimento. Sofrer é inevitável, porém a forma de responder isso não é. Muitos acabam “fugindo da vida” quando são confrontados com o vazio que a mesma proporciona. Já que nossas existências são insignificantes, o nosso maior sucesso sempre será viver uma vida feliz e satisfatória. A nossa maior conquista sempre será viver uma vida plena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Grazielle Tomaz de; GRIFFO, C.. *O uso de textos da mitologia grega como estratégia de se trabalhar a leitura*. 2010.
- ALMEIDA, Samuel Pablo Costa de. et. al. *Os Sofistas e a Educação Grega: Legados à Contemporaneidade V*. CONEDU.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: Histórias de Deuses e Heróis*. Agir, 1867. 355 p.
- CHALMERS, Alan Francis; FIKER, Raul. *O que é ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia: A religião e seus mitos*. In: FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 60-64.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Roma: As origens: lendas e histórias*. In: FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 88-90.
- HEIDEGGER, Martin. *A essência do fundamento*. Edições 70; 1ª edição, 2007
- HESÍODO. *Teogonia: A Origem dos Deuses*. Ed. Iluminuras Ltda. São Paulo, 1995.
- HOBUSS, João Francisco Nascimento. *Introdução à história da filosofia antiga* [recurso eletrônico] / João Francisco Nascimento Hobuss - Pelotas: NEPFIL online, 2014. (Série Dissertatio-Filosofia)
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002-2003.
- HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Edições 70; 1ª edição, 2008.
- LEWONTIN, Richard. *Biology as ideology: The doctrine of DNA*. House of Anansi, 1996.
- LIMA, Tânia; SANTOS, Derivaldo dos. *Griots: literaturas e culturas africanas*. Ed. Mangues&Letra. Fortaleza, 2016.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 7a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

- MELLO, Leonardo Tondato de. *Envelhecer: Uma análise junguiana na mitologia africana*. Ed. Científica. São Paulo, 2021.
- MOTTA, A. P. W.; ROSA, C. M. L.; DOS SANTOS, L. P. *Período Helenístico*. JICEX, v.9, n.9, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Nascimento da tragédia*. Companhia de Bolso. Edição de bolso, 2007.
- OLIVEIRA, José Sílvia de. *Movimento Sofístico na Grécia (séculos V e IV a. C.): o trabalho de ensinar (fcc.org.br)*. Conjectura: filos. e Educ. vol.23 nº.3 Caxias do Sul 2018.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. U of Minnesota Press, 1997.
- PAGAN, Alice. *Entre o bélico e o diplomático*. Revista Sergipana de Educação Ambiental, v. 7, n. Especial, p.1-19, 2020.
- PLATÃO. *República*. Editora Best Seller. Rio de Janeiro, 2002.
- PEIXOTO, E. S.. *A mitologia e a tragédia como formas de pensar a educação*. REVISTA EDUCAÇÃO PÚBLICA (RIO DE JANEIRO), v. 17, p. 1-10, 2017.
- ROBLES, Martha. *Mulheres, Mitos e Deusas*. 4. ed. São Paulo: Goya, 2022. 558 p.
- SANTOS, Sandra Ferreira dos. *A mulher na Magna Grécia: um objeto de valor*. Revista Clássica, v.29, n.1, p. 29-48, 2016.
- SANTA BÁRBARA, Leonor. *Alexandria e o conhecimento no período helenístico*. Lisboa, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Editora vozes, 4ª edição, 2014.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Contraponto. 1ª edição, 2007
- SILVA, Ronald Monteiro da. *A objurgação de Platão à sofística, a necessidade de uma (re)interpretação idônea*. Revista Sísifo. Nº10, v. 1, julho/dezembro, 2019.
- SILVA, Virgínia M. de Souza. *A narrativa religiosa em sala de aula: Uma técnica didática para estudar o mito*. Ciências das Religiões: Uma Análise Transdisciplinar, Paraíba, p. 75-85.
- SOLÉ, Maria Glória Parra Santos. *Potencialidades didáticas do uso de lendas no ensino da história: um estudo com alunos portugueses do 2.o ano do ensino básico*. Diálogos, Portugal, v. 22, n. 2, ed. 2, p. 184-201, 2018.
- SOUSA, Dineibergue Viana de. *O mangá como ferramenta pedagógica: Fullmetal Alchemist*. 2021.
- VIANA, Moisés dos Santos. *Mito e linguagem: breve reflexão sobre o discurso*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences,, Maringá, v. 31, ed. 1, p. 61-66, 2009.

**LINKS ÚTEIS DA INTERNET INDICADOS PELOS AUTORES PRINCIPALMENTE
SOBRE SÓCRATES E MITOLOGIA:
(TODOS COM ÚLTIMO ACESSO EM FEVEREIRO DE 2024)**

- https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA3_ID4978_10092018115712.pdf
- http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-46122018000400006
- <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/maieutica.htm>
- <https://www.significados.com.br/maieutica/>
- <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/socrates-biografia.htm>
- <https://revista.classica.org.br/classica/issue/view/26/36>
- <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/2583>
- <https://www.editoradobrasil.net.br/a-pratica-do-metodo-socratico-nos-dias-hoje/>
- <https://www.todamateria.com.br/metodo-socratico-ironia-maieutica/>
- <https://descomplica.com.br/d/vs/aula/metodo-socratico/>
- <https://www.todamateria.com.br/sociedade-dos-poetas-mortos/>
- [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$a-insustentavel-leveza-do-ser](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$a-insustentavel-leveza-do-ser)
- <https://www.psicanaliseclinica.com/filme-whiplash-em-busca-da-perfeicao/>
- <http://www.conversacult.com.br/2013/10/resenha-elysium-filme.html>
- <https://www.culturagenial.com/o-show-de-truman-resumo-e-reflexoes-sobre-o-filme/>
- <https://www.janelaliteraria.com.br/2021/02/resenha-o-apanhador-no-campo-de-centeio.html>
- <https://www.culturagenial.com/filme-clube-de-luta/>
- <https://www.culturagenial.com/livro-crime-e-castigo-de-fiodor-dostoievski/>
- <https://www.culturagenial.com/filme-the-matrix/>
- <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-mito/>
- <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/mitologia-uma-das-formas-que-o-homem-encontrou-para-explicar-o-mundo.htm>
- <https://vestibulares.estrategia.com/portal/materias/filosofia/socrates/>

SOBRE O ORGANIZADOR

THIAGO SEBASTIÃO REIS CONTARATO

Possui Doutorado em Filosofia (2015-2019) e Mestrado em Filosofia (2012-2014), no programa de Pós-Graduação Lógica e Metafísica (PPGLM) da UFRJ. Bacharel e licenciado em Filosofia pela UFRJ (2008-2011). Formado no Curso Normal (de formação de professores) no Ensino Médio (2004-2007). Em 2024, atua como Coordenador de Tutoria de professores tutores (Educação a Distância - EaD) na área de Disciplinas Pedagógicas (2023-...), que é oferecida pela UENF através do CEDERJ, contemplando várias graduações de licenciaturas. É **professor universitário substituto de Filosofia da Educação na UERJ** (2023-...). Foi **professor universitário substituto na UFF de Filosofia da Educação e Epistemologia das Ciências da Educação** (2019-2021). Foi **professor universitário substituto na UFRJ de Lógica Clássica** (2014-2015). Foi professor bolsista orientador EaD na UEA. É também professor efetivo de Filosofia da Educação Básica no ensino médio pela SEEDUC-RJ (2012-...). Nas pesquisas recentes, é integrante do grupo de pesquisas "Metalogicon - Núcleo de História e Filosofia da Lógica" da UFF. Pesquisador com experiência em Filosofia da Educação, Lógica-Matemática e Epistemologia. Pós-doutorando (2022-...) no programa de Pós-Graduação em Filosofia (PFI) da UFF.

ISBN 978-655376323-4



9

786553

763234